

Memorial Descritivo

Progressão para Professor Titular

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marco Paulo Stigger

AGOSTO
2017

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Estudantes e participação no GESEF	60
Quadro 2 - Estudantes Egressos e localizações atuais	61
Quadro 3 - Trabalhos/Livros a destacar	62
Quadro 4 - Trabalhos/Artigos a destacar	63
Quadro 5 - Trabalhos/Capítulos de Livros a destacar	63
Quadro 6 - Auxílios e Bolsas	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 ANTECEDENTES DA FORMAÇÃO ACADÊMICA: DA 'VIDA ESPORTIVA' ÀS EXPERIÊNCIAS DURANTE O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	6
3 DA CHEGADA AO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ÀS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS E INÍCIO DE UMA CARREIRA PROFISSIONAL	10
3.1 EM RONDÔNIA – EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E O HANDEBOL.....	14
3.2 RETORNO A PORTO ALEGRE – ATUAÇÃO NA UFRGS	18
3.2.1 Jogos Acadêmicos da UFRGS	18
3.2.2 “Fim de Semana na Esef”	19
3.3 EM PORTO ALEGRE – RETORNO AO HANDEBOL E APROXIMAÇÕES COM A GESTÃO	20
4 INÍCIO DE UMA VIDA ACADÊMICA	21
4.1 O MESTRADO NA GAMA FILHO E O RETORNO À ESEF.....	21
4.2 O RETORNO À ESEF	25
4.3 REVISTA MOVIMENTO – UM TÓPICO À PARTE	25
4.4 RETOMANDO A CRONOLOGIA – ENTRADA NA ESEF NA CONDIÇÃO DE DOCENTE.....	30
5 ESTUDOS DE DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DO PORTO	34
6 RETORNO À UFRGS – A TESE DE DOUTORADO E AS SUAS REPERCUSSÕES INICIAIS	38
6.1 O ENSINO NA GRADUAÇÃO.....	42
6.2 A PÓS-GRADUAÇÃO	44
6.3 ATIVIDADES DE ENSINO - DISCIPLINAS.....	45
6.4 FUNÇÕES E TAREFAS ACADÊMICO-ADMINISTRATIVAS – UM CAMPO DE LUTAS.....	47
6.5 O GESEF E A PÓS-GRADUAÇÃO – ATIVIDADES ENTRELACADAS.....	52
6.6 GESEF – ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E FORMAÇÃO COLETIVA.....	53
6.7 GESEF/PPGCMH – ORIENTAÇÕES, PESQUISAS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.....	55
7 OUTROS ENVOLVIMENTOS – CARGOS, PARTICIPAÇÕES, ETC	65
7.1 CARGOS E FUNÇÕES ACADÊMICO-PROFISSIONAIS	65
7.2 VÍNCULOS COM ENTIDADES E MOVIMENTOS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA	65
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
ANEXO A - ORIENTAÇÕES	73
ANEXO B – PRODUÇÃO CIENTÍFICA	78

1 INTRODUÇÃO

Não são poucas as pessoas e mesmo autores do universo acadêmico que criticariam a forma como muitas vezes 'memoriais' como esse são construídos. Com uma estrutura do tipo 'histórias de vida', esses esforços que visam relatar carreiras pessoais/profissionais eventualmente acabam por se caracterizar como 'projetos' vistos de trás para frente.

Com isso eu quero dizer que, no afã de encontrar nexos entre o presente e o passado, nos seus relatos sobre as suas próprias vidas, muitas vezes as pessoas são conduzidas a buscar vínculos e coerências entre o ponto de chegada - o momento atual - e as diversas experiências que tiveram em tempos anteriores. Assim, o texto final de um empreendimento dessa natureza se assemelha a um projeto visto pelo retrovisor (ou o resultado de um projeto) que se apresenta como se tudo que aconteceu em tempos pretéritos tivesse uma conexão lógica com a época presente. Trazendo consigo uma linearidade que o sustentaria, esse tipo de relato se materializa como se tivesse sido algo pensado e planejado que chegou a um lugar previamente esperado.

Mesmo com dificuldades para não cair nessa armadilha, o esforço que eu destinarei a esse texto se vincula mais à noção de história que se pauta pela ideia de que a narrativa histórica é sempre um relato com diferentes possibilidades de interpretação, algo inconcluso, mas que - e isso é fundamental - busca continuamente evidenciar uma 'trajetória não planejada', mas que, mesmo assim, em 'alguma medida' permite mostrar como se chegou a 'algum lugar'. Orientado por essa noção, esse relato também será caracterizado como um exercício de reflexividade sobre essa trajetória, na medida em que procurarei, com um distanciamento possível, descrever, entender, avaliar, tecer considerações e ponderar sobre as minhas diferentes experiências nas diversas situações que serão apresentadas. Com essa perspectiva, esse memorial será conduzido por algumas perguntas norteadoras:

- como se constituíram, no percurso da minha vida pessoal e profissional, diferentes etapas, momentos e acontecimentos, que, como elementos de uma trajetória não planejada, em alguma medida me conduziram até a condição profissional que estou experimentando nos dias de hoje?

- Como – mesmo que de forma não planejada - esse processo de vida acabou por me constituir como professor/pesquisador no campo da Educação Física?
- como percebo a minha presença e participação nesse campo profissional/acadêmico?
- porque considero que essa trajetória me habilita a pretender ascender ao lugar de Professor Titular na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul?

As respostas para essas questões serão apresentadas numa narrativa constituída pelos tópicos apresentados a seguir, através dos quais buscarei expor como essa trajetória foi 'me produzindo' no contexto da Educação Física e como eu, como pesquisador, 'fui sendo capaz de produzir' algo que tenha contribuído, em alguma medida, para a instituição na qual venho atuando, e também para os debates que vêm ocorrendo na Educação Física Brasileira.

Vale chamar atenção que a apresentação na forma de tópicos é um esforço que visa - em termos didáticos - auxiliar o leitor a se conduzir na sua leitura. Tendo em vista o fato de que cada um dos diferentes temas/momentos/etapas têm particularidades que necessitam ser apresentadas também em 'blocos por assunto', importa deixar claro que nem tudo o que estiver no texto estará oferecido em obediência a uma ordem cronológica. Ao invés de ter preocupação apenas com a cronologia, a minha intenção é permitir que o leitor compreenda diferentes situações de um processo de vida que - como uma totalidade - tem 'alguma' lógica e, nesse sentido, 'alguma' coerência. Por essa razão, em alguns momentos eu serei obrigado a abrir alguns 'parênteses', estratégia que me permitirá focar em alguns assuntos que perpassam um período de tempo maior da minha vida, e que coincidem com outras atividades.

Também vale à pena esclarecer que nem tudo que estará aqui apresentado terá comprovação documental. Algumas 'passagens da vida' na juventude e na infância, assim como outras vivências que fazem parte desse relato de forma tangencial - mas dão sentido à narrativa - não justificam e nem são passíveis de sustentação na forma de documentos, o que não me impedirá de oferecê-las à apreciação dos leitores. Essa ausência de documentos comprobatórios ocorrerá principalmente nos momentos da carreira que são anteriores à entrada na Universidade, na condição de docente, mas poderá ocorrer, eventualmente, também quando eu estiver tratando de momentos posteriores à 'vida universitária'.

2 ANTECEDENTES DA FORMAÇÃO ACADÊMICA: DA 'VIDA ESPORTIVA' ÀS EXPERIÊNCIAS DURANTE O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Apesar de não haver muitas referências sobre o assunto, não acredito que seja necessário documentar que a geração da qual eu fiz parte na graduação em Educação Física¹ - de forma significativa - ingressou nessa formação inicial por conta de advirem do 'mundo' do esporte. Ser atleta ou praticante frequente de diferentes modalidades esportivas era, naquela época, um importante elemento que conduzia os jovens aos cursos de Educação Física. Não é por acaso que muitos dos meus colegas eram atletas vinculados às federações esportivas e também chamava atenção que o espaço mais ocupado na instituição em horários de intervalo era o ginásio de esportes; mesmo em períodos 'de aula' era comum serem vistos alunos 'batendo bola' nos cantos do ginásio, isso com a aquiescência dos professores que estavam, no mesmo espaço, desenvolvendo as suas atividades docentes. Também era muito evidente, naquele momento histórico, a valorização da participação dos alunos e da instituição em competições esportivas universitárias, como os Jogos Universitários Gaúchos (JUGs) os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e os Jogos Universitários Gaúchos de Estudantes de Educação Física (JUGEEF). Eu fiz parte dessa população e tenho muitas recordações de participação em competições esportivas universitárias na modalidade de handebol, e também das inúmeras 'peladas' de voleibol e basquete das quais participei no ginásio da Escola Superior de Educação Física (ESEF), hoje Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID)².

Talvez a melhor forma de me expressar sobre a minha 'vida esportiva' seja utilizando uma linguagem bastante coloquial e afirmar que 'desde que eu me conheço por gente' eu estive envolvido em práticas corporais, em especial no esporte. Tendo sido um menino com muitas experiências 'de rua'³, eu me envolvi no mundo das atividades lúdicas/corporais desde cedo e, nesse contexto, brinquei

¹ Ingresso em março de 1975, conclusão em dezembro de 1977.

² Esses dois nomes e siglas serão utilizados nesse texto, dependendo dos momentos da narrativa.

³ Durante a minha infância, a expressão 'guri de rua' tinha uma conotação relativamente positiva. Diferente dos dias de hoje (quando 'menino de rua' se insere à noção de jovem/criança em situação de vulnerabilidade social), naquela época essa expressão indicava uma perspectiva de ser jovem/criança que tinha muitas experiências fora da proteção 'da casa', mas que 'na rua' encontrava abrigo nos amigos e na vizinhança. Era, portanto, um indivíduo que, com base em aprendizagens advindas da sociabilidade urbana, teria iniciativa, seria capaz de 'resolver seus problemas sozinho', dominava o espaço onde habitava, assim como as relações sociais dali advindas.

muito de 'bola de gude'⁴, andei de bicicleta pelo bairro, ocupei tardes inteiras jogando 'taco'⁵, soltei 'pandorga'⁶ em dias ventosos do mês de agosto, participei de inúmeras 'guerras de funda'⁷, brinquei de 'polícia e ladrão' pelas ruas e terrenos baldios da vizinhança⁸, entre outras inúmeras atividades que muitas crianças/jovens vivenciavam naquela época. Em termos efetivamente 'esportivos' fui um assíduo frequentador do campo de futebol 'da esquina', isso praticamente todos os dias e, em especial, nos sábados à tarde.

De forma mais sistematizada, tive as minhas primeiras experiências esportivas na escola. Fui aluno do Colégio Farroupilha⁹, em Porto Alegre, desde a primeira série escolar até o último ano do curso Científico. Durante todo esse período eu estive cativado pelas diferentes modalidades esportivas que experimentei, desde a ginástica olímpica, passando pelo atletismo, pelo futebol, pelo basquetebol e, finalmente, pelo handebol - eu tive outras experiências esportivas na escola, mas com essas tive maior constância.

Tenho clara lembrança dos meus dois primeiros professores de Educação Física, o professor Delmar dos Reis e o professor 'Carioca'¹⁰. Jovens professores à época, eles tinham um enorme carisma na relação com os alunos e nas séries iniciais trabalhavam muito com atividades de acrobacias e ginástica olímpica. Isso acontecia nas aulas de Educação Física, realizadas num ginásio de esportes reduzido, mas bastante bem equipado, com materiais e aparelhos especializados, com os quais eu teria contato novamente apenas na Escola de Educação Física.

Por conta dessa vivência talvez eu possa dizer que o gosto¹¹ que eu adquiri pelas práticas corporais e atividades esportivas, assim como o rico repertório motor que eu incorporei, tenha começado nesse momento e que eu deva isso a essas experiências iniciais 'de rua' e, em especial, a esses professores. Lembro - provavelmente aos 10, 11 anos de idade - que eu executava 'exercícios

⁴ Também chamado de "jogo de bolita".

⁵ Denominada de "bets" em alguns estados brasileiros e "Tacobol" na sua versão industrializada.

⁶ Denominada também "pipa" e "papagaio", dependendo do universo/região do Brasil.

⁷ Denominada de "bodoque" e "estilingue", em diferentes regiões do Brasil.

⁸ Muitas vezes noite à dentro, algo impensável nos dias atuais.

⁹ O Colégio Farroupilha é uma escola privada, bastante reconhecida em Porto Alegre. Não tenho dúvidas de que os meus pais, preocupados com a minha educação, fizeram esforços bastante significativos para nela me manterem.

¹⁰ 'Carioca' era o apelido do professor Paulo Gilberto de Oliveira.

¹¹ 'Gosto' aqui identificado como algo que é constituído socialmente e se refere a preferências manifestadas em relação a práticas, valores e outras formas de ver e viver o/no mundo. A escola é um dos importantes espaços institucionalizados de socialização e, portanto de construção do gosto.

educativos¹² que me faziam ser capaz de realizar saltos mortais para frente e para trás, de me arriscar em transposições sobre o cavalo e/ou sobre o plinto. Tenho recordações de participar de corridas de revezamento carregando 'medicine balls', de ser desafiado a realizar diferentes tipos de acrobacias arriscadas e, obviamente, de praticar diferentes tipos de 'jogos de bola' que eram possibilitados aos alunos.

Se eu analisasse aquelas aulas pelos referenciais hoje existentes acerca da prática pedagógica em Educação Física, talvez esses professores fossem caracterizados como 'reprodutores' e/ou que fossem considerados 'esportivistas', na medida em que não atuavam explicita e pedagogicamente em busca do desenvolvimento do espírito crítico-reflexivo dos estudantes e pautavam as suas aulas por uma concepção voltada fundamentalmente para as habilidades motoras, e para a aptidão física e esportiva, isso alicerçado num conhecimento prático, vinculado especialmente a um 'saber fazer'.

Independentemente de quaisquer qualificações que poderiam identificar esses professores a partir de critérios acadêmicos atuais, eu não tenho dúvidas de que eles me aproximaram do mundo das práticas corporais e dos esportes e que isso trouxe reflexos no que se refere a um futuro que - em alguma medida - ali se descortinava. Isso teve sequência nos anos posteriores, quando, já no 'Segundo Grau', me envolvi intensamente na vida esportiva daquele universo escolar, tendo participado das 'Olimpíadas' da escola e dos 'times' de futebol e handebol do Colégio Farroupilha.

Foi naquele momento que o handebol ingressou na minha vida, algo que, sem dúvida, se refletiu na minha posterior vida universitária¹³ e em importantes escolhas pessoais e profissionais que vieram a seguir. O fato é que eu advinha do basquetebol, modalidade que eu 'escolhera' entre as duas possibilidades que a Educação Física da escola me oferecia (a outra era o voleibol), mas durante o meu penúltimo ano escolar (1972) o handebol 'apareceu' na escola. Ele 'surgiu' como uma 'novidade' em termos de modalidade esportiva escolar, e foi introduzido por um colega (aluno) que teria tido essa experiência esportiva em outro lugar que eu não sei agora precisar. Praticamente sem o protagonismo dos professores de Educação Física, esse colega 'montou um time' de handebol na escola, tendo como base os

¹² Fui escutar essa expressão pela primeira vez na minha formação em Educação Física, que ocorreria muitos anos depois.

¹³ Apesar de, atualmente, eu não atuar como docente na modalidade 'handebol', foi através dessa modalidade/disciplina que eu adentrei na UFRGS, na condição de docente. Isso será tratado a seguir.

estudantes praticantes de basquetebol. Tendo em vista as similaridades em termos de gestos motores (em especial o drible para a condução da bola e a 'passada' para a bandeja/arremesso), eram esses estudantes que já traziam consigo algumas habilidades necessárias para a prática daquela 'nova' modalidade. Eu fiz parte da equipe que foi organizada sob a liderança do colega, que obteve apoio da Direção do Colégio para participarmos de um torneio entre escolas de várias cidades da Grande Porto Alegre. Eu tenho lembranças de ter participado desse torneio, realizado na Vila Sharlau (hoje bairro Sharlau), na cidade de São Leopoldo, onde, quem sabe, teria iniciado uma dimensão da minha trajetória que traria importantes repercussões para a minha vida pessoal e profissional.

3 DA CHEGADA AO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ÀS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS E INÍCIO DE UMA CARREIRA PROFISSIONAL

Digo isso, pois acredito que essa iniciação esportiva numa modalidade emergente se refletiu na minha entrada na ESEF/UFRGS, em 1975. O fato de ser uma modalidade esportiva pouco conhecida no contexto do Rio Grande do Sul, talvez tenha contribuído para a minha fácil inserção nas equipes universitárias da UFRGS. Se eu tivesse chegado à Escola de Educação Física trazendo na minha 'bagagem' apenas as experiências escolares do basquetebol (por exemplo), e com elas tentado adentrar no contexto dessa modalidade 'tradicional', o fato de haver muitos atletas de basquetebol na UFRGS, provavelmente diminuiria as minhas possibilidades de ter tido as mesmas oportunidades. Assim, ser praticante, mesmo - mas também exatamente por isso - de uma modalidade com pouca repercussão social, me abriu muitos espaços num universo onde o capital esportivo era bastante valorizado.

Acredito, então, que não seria um despropósito dizer que a própria formação que a Escola de Educação Física oferecia naquele momento era uma formação 'esportivista', onde o esporte ocupava um 'lugar' especial. Não é por acaso que os professores que eu tive nos primeiros anos escolares também davam ênfase aos esportes nas suas aulas; não é acidental que, naquele período, havia várias disciplinas 'esportivas' diferentes, praticamente autônomas e obrigatórias: atletismo, basquetebol, esgrima, futebol, futebol de salão, ginástica olímpica, handebol, judô, natação, tênis, voleibol. Nesse contexto, já identificado como um praticante do handebol, eu fui rapidamente incorporado ao grupo dos jogadores daquela modalidade e passei a fazer parte das equipes da UFRGS. No mesmo período - e durante toda a minha passagem pela ESEF/UFRGS - também tive experiências como treinador de handebol das equipes femininas da mesma instituição.

Mas durante a vida universitária eu tive muitas outras vivências que enriqueceram a minha formação profissional. Além de pequenas passagens por diferentes atividades que garantiram a minha sustentação econômico-financeira durante a vida universitária (aulas de natação particular; aulas de ginástica; atuação em pré-escola; recreacionista em colônia de férias no verão; arbitragem em diferentes modalidades, em especial no handebol; outras), tive algumas experiências mais consistentes e duradouras que contribuíram para o meu desenvolvimento: atuei

na recreação pública do município de Porto Alegre, como estagiário no Parque Moinhos de Vento¹⁴; fui monitor de futebol de salão junto à Prática Desportiva Universitária da UFRGS¹⁵; fui monitor de handebol junto ao curso de graduação em Educação Física da UFRGS¹⁶; e trabalhei na recreação do Colégio Farroupilha, em programa de apoio aos estudantes universitários, que associava a UFRGS e a escola¹⁷.

Porém, a participação junto à modalidade handebol (atleta, treinador de equipes femininas e monitor na graduação) acabou sendo decisiva no que se refere às oportunidades que vieram posteriormente, incluindo, aí, a minha posterior entrada na Universidade, na condição de docente. Concluída a graduação, a minha associação à modalidade já não era apenas na condição de 'praticante'. Agora já reconhecido como 'atleta' e 'treinador' (em especial no mundo universitário) e como alguém que tinha sido monitor da disciplina por um bom período de tempo, me levaram a ser convidado, em 1978, para atuar como Professor Colaborador na ESEF, junto à modalidade de handebol, atividade que desempenhei por dois semestres. Essa mesma experiência também fez com que - em finais de 1979, quando eu já estava formado havia dois anos – eu fosse convidado para trabalhar com o handebol em Porto Velho, à época capital do Território Federal de Rondônia.

Antes disso, porém (entre 1977 e 1979), eu tive outras importantes experiências profissionais e de formação profissional 'formal', as quais ocorriam concomitantemente. Assim como a maior parte dos professores daquela época (e mesmo hoje), durante dois anos eu estive atuando em mais de um local, dos quais destaco: fui professor no Colégio Farroupilha; atuei como professor na Escola Estadual Henri Duplan, em Charqueadas, um município gaúcho distante 59 km de Porto Alegre; fui professor na Escolinha de Natação do Carioca. Vale aqui um

¹⁴ Uma primeira experiência profissional vinculada ao campo do lazer, que teve aproximadamente um ano de duração.

¹⁵ A Prática Desportiva Universitária ou Educação Física Curricular do 3º Grau era regulamentada pelo Decreto 69450 de 11/1/1971. Ela se voltava a propiciar atividades esportivas aos estudantes de todos os cursos da Universidade e costumava ser ministrada por estagiários do curso de Educação Física. Atuei nessa atividade por não menos de um ano e meio.

¹⁶ Prática docente vinculada à função de auxiliar do professor da disciplina regular no Curso de Graduação em Educação Física. Atuei nessa atividade por não menos de um ano e meio.

¹⁷ Através do convênio Universidade/Escola, a atividade era voltada aos estudantes do Colégio Farroupilha, nos seus tempos de lazer. Era realizada no 'contra-turno' das turmas: quartas à tarde para o primeiro grau; sábados à tarde para o 'segundo grau'. Atuei nessa atividade por aproximadamente dois anos e meio.

parênteses para brevemente relatar esse período – voltarei à experiência 'de Rondônia' na sequência.

Logo que eu terminei o curso de Educação Física, a direção do Colégio Farroupilha – onde eu havia sido estagiário - decidiu alterar a minha posição profissional na escola: de estagiário eu passei à condição de professor contratado, com vínculo empregatício efetivo. A minha atuação passou de 'estagiário da recreação' para 'professor efetivado', tanto para continuar atuando na recreação da escola, quanto para assumir a condição de docente no 'Segundo Grau'. Na recreação as atividades se mantiveram as mesmas, mas na docência, coube a mim trabalhar nas aulas de Educação Física e com a modalidade voleibol, uma das opções oferecidas aos alunos, como já referi acerca da minha própria experiência como estudante da mesma escola.

Em período coincidente, obtive também um 'contrato temporário' numa escola pública do município de Charqueadas, essa hoje denominada de Escola Estadual de Ensino Fundamental Henry Duplan. Naquele local, além de se tratar do 'ensino público' – que guardava muitas diferenças em relação ao ensino privado no Colégio Farroupilha - eu atuei no Primeiro Grau, ou seja entre o 1º e o 3º Ginásial. Naquela escola a ênfase também era a iniciação esportiva, mas, nesse caso, em diferentes (e várias) modalidades esportivas. Em que pese o fato de que a minha preferência teria sido atuar com o handebol, os dois anos que tive de docência no Primeiro e Segundo Grau e em diferentes modalidades esportivas, me possibilitaram o contato direto com estudantes, numa condição diferenciada das anteriores: planejar e ministrar aulas, avaliar o rendimento dos alunos e participar de Conselhos de Classe, eram funções 'de professor' que eu ainda não experimentara. A relação mais efetiva no 'mundo' da educação escolar me trouxe outros horizontes de pensamento, que iam além de uma formação universitária 'esportivizada'.

Também passei alguns anos trabalhando como professor numa escola particular de natação, a Escolinha de Natação do Carioca. 'Carioca', é o mesmo professor com quem eu tivera aulas no Colégio Farroupilha e que seria, posteriormente, meu professor na ESEF/UFRGS, dessa vez na modalidade 'handebol'. Quando eu estava prestes a concluir a graduação, coincidentemente, ele fundou uma escola de natação e acabou por me convidar para nela trabalhar. Naquela escola eu tive outras experiências pedagógicas, essas bastante díspares das anteriores.

Vale então dizer que durante a graduação e nos primeiros dois anos posteriores à conclusão do curso, eu tive diferentes experiências profissionais. Todas elas me trouxeram aprendizagens e, com certeza, me constituíram como a pessoa/o professor/o pesquisador que sou hoje. Elas também ‘serviram’ para que eu me sustentasse economicamente quando era estudante, num momento da vida que os jovens têm pouca escolha. Nesse momento eu aponte essas experiências em particular, pois, além de ‘oficiais’, elas foram as mais longas antes de eu adentrar no que me conduziu à trajetória universitária.

Mas nesse mesmo período que se seguiu à conclusão da minha formação inicial, eu dei seguimento à formação continuada, agora no âmbito da Pós-Graduação. Apesar de terem coerência com o que eu vinha construindo como carreira profissional, ressalto que essas atividades não foram planejadas. Na realidade, olhando para o passado, me dou conta que eu pretendia me manter na vida universitária e articulava as oportunidades que surgiam com o que se associava aos meus interesses imediatos. Foi assim que participei de dois cursos de Pós-Graduação em nível de Especialização, um em Treinamento Desportivo e outro em Natação.

Como eu advinha do ‘mundo’ esportivo, com experiências como treinador, eu me senti estimulado a participar do primeiro curso de Pós-Graduação em Treinamento Desportivo realizado na ESEF/UFRGS (hoje ESEFID). Esse curso, que era uma ‘novidade’ no Rio Grande do Sul, atraiu muitos treinadores, esses vinculados a diferentes modalidades. Infelizmente, apesar de ter cursado todas as disciplinas com sucesso, eu não cheguei a apresentar a monografia, que era exigida como trabalho final. Independente disso, esse curso contribuiu para a minha formação, em especial quanto, anos após, eu viria a ser treinador no âmbito de seleções escolares de handebol em Rondônia, experiência que será relatada a seguir. Também vinculado aos meus interesses imediatos, participei de um curso de Especialização em Natação, esse por mim concluído e realizado na ESEF/UFRGS. Tendo em vista que esse curso era frequentado majoritariamente por professores de natação, a minha participação me inseriu nesse universo e contribuiu para as aulas que eu desenvolvia na Escolinha de Natação do Carioca.

Retornando ao que vinha sendo tratado antes do ‘parênteses’, num momento histórico em que havia uma forte ‘esportivização’ da Educação Física, a proposta advinda de Rondônia era para eu atuar exclusivamente com o incremento do

handebol no então Território Federal de Rondônia. Isso implicava em dedicar toda a minha carga horária (40 hs) para o desenvolvimento de 'escolinhas' esportivas da modalidade, para formar professores para atuarem com esse esporte nas escolas, para coordenar competições esportivas escolares da modalidade e para atuar como treinador da equipe escolar masculina, com vistas à participação nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's).

3.1 EM RONDÔNIA – EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E O HANDEBOL

Seduzido pelo desafio de iniciar um trabalho dessa natureza, num contexto onde "tudo estava para ser feito"¹⁸, tive poucas dúvidas ao decidir por essa mudança de vida. Outros motivos também me levaram à decisão de viver em Porto Velho: eu pretendia casar e foi oferecido um emprego também para a minha namorada; os nossos cargos seriam em âmbito 'federal', o que também era sedutor, por conta do bom salário e das garantias de segurança no emprego que eram oferecidas. Eu passei 5 anos em Porto Velho, onde constituí família (2 filhos) e tive, para um jovem lá chegou aos de 24 anos, uma densa formação profissional pautada pela prática cotidiana. Além das atividades enumeradas acima, em Rondônia assumi várias funções 'de gestão', dentre elas a de Coordenador Estadual de Educação Física e Esporte Escolar.

Em março de 1980, ao descer do avião no aeroporto de Porto Velho, senti um dos primeiros impactos da minha decisão. A primeira impressão que tive era de que eu estava a 'entrando num forno', tal era o estranhamento que eu sentia quanto à temperatura local, mas também em relação à umidade do ar com que eu estava acostumado. Mas as diferenças em relação ao que já havia vivido anteriormente não foram apenas essas. Em poucos dias eu me dei conta que fazia parte de uma 'leva' de vários professores de Educação Física que assumiam seus cargos naquele período. Era um momento de grande investimento do Território no que se refere à Educação Física e aos esportes e, pela primeira vez, na cidade de Porto Velho, haveria professores com formação universitária em Educação Física atuando nas escolas. Até então, a Educação Física nas escolas era desenvolvida por professores 'práticos', alguns advindos das Forças Armadas, outros eram ex-atletas da região,

¹⁸ Algo que eu ouvia em relatos de pessoas que lá estavam.

entre outras 'formações', mas sempre vinculadas às atividades físicas e aos esportes. E além dos vários colegas que atuavam nas escolas, assim como eu, houve contratação de professores de várias regiões do Brasil para atuarem no 'Esporte Escolar', os quais desempenhariam funções como aquelas que eu desenvolveria junto ao handebol, porém em diferentes modalidades esportivas.

Não tenho dúvidas de que o período da vida que passei em Porto Velho demarcou, de uma forma muito potente, a minha formação como pessoa e como profissional. A diversidade cultural presente naquele universo, assim como a exigência de, ainda jovem, assumir o protagonismo que era necessário naquele local emergente, me fizeram ver a Educação Física – e a própria vida – de uma forma bastante ampliada. Talvez à época isso não estivesse claro para mim, mas o olhar pelo retrovisor me leva a pensar dessa forma.

Porém, de uma maneira mais imediata, eu acredito que o envolvimento com o esporte formal – e 'de rendimento' – foi algo que muito me marcou naquele momento. Isso porque, em 1976,

em consonância com a Lei n 6.251 de 1975 e com o Decreto 80.228 de 1977, os Jogos Estudantis Brasileiros dividiram-se em esporte escolar e universitário. Assim, nasceram os Jogos Escolares Brasileiros (JEB's), que se tornaram referência nacional até o ano de 2004¹⁹.

Sendo essa uma competição que tinha entre os seus objetivos "possibilitar a identificação de talentos esportivos nas escolas", naquele período, os JEB's recebiam enorme apoio no que se refere a recursos públicos. Ele era, ainda, um evento do qual participavam os melhores atletas brasileiros de alto-rendimento com idade 'até 18 anos'²⁰, o que se realizava na forma de representações escolares estaduais. Por conta disso, para alguém com 24 anos de idade, com pouco tempo de conclusão do curso universitário e interessado na formação de atletas, esse tipo de atividade era, além de um 'desejo', uma grande oportunidade de aprendizado e desenvolvimento profissional. Conforme já relatei, logo depois de me formar na graduação, eu havia participado de um Curso de Especialização em Treinamento Desportivo - ter a chance de 'aplicar' os conhecimentos adquiridos era algo muito desejado por mim.

¹⁹ Ver Ministério do Esporte: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/jogos-escolares-brasileiros/jogos-escolares-brasileiros-jeb-s>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

²⁰ A maior parte desses alunos/atletas já estava inserida no 'esporte federado' dos diferentes estados brasileiros.

Assim, nos 5 anos que fiquei em Porto Velho eu me consolidei no âmbito do treinamento esportivo, na medida em que, tendo sido 'treinador' de seleções escolares de Rondônia, eu tinha uma carga horária de aproximadamente 3 horas diárias, 5 vezes por semana destinada a esse fim. A partir disso fui, então, treinador das seleções escolares de handebol de Rondônia em duas edições de Campeonatos Escolares Brasileiros (CEB's) e em duas versões de Jogos Escolares Brasileiros (JEB's), sendo que a primeira competição era classificatória para a segunda. Com esse objetivo 'classificatório', a primeira competição (CEB's) era realizada de 2 em 2 anos (anos pares), 'por modalidades' e concomitantemente em diferentes estados brasileiros. Já o segundo evento (JEB's) ocorria em Brasília, a cada 2 anos (anos ímpares) onde se concentravam todos os participantes classificados nos anos anteriores, das diferentes modalidades. Os JEB's se constituíam um evento grandioso, com investimento de muitos recursos públicos, evidentemente identificando o universo da escola como parte da base da 'pirâmide esportiva'.

Mesmo que hoje eu tenha críticas a esse modelo, eu não tenho dúvidas de que, naquela época, estar envolvido com Campeonatos e Jogos Escolares Brasileiros era muito significativo para qualquer professor de Educação Física que estivesse atuando no âmbito dos esportes. Estar naquele universo era uma possibilidade de reconhecimento inclusive em âmbito nacional e isso, de alguma forma acabou por me abrir oportunidades futuras, particularmente, a entrada na Escola de Educação Física.

Contudo, além das atividades relatadas anteriormente, o fato de estar num contexto emergente em termos de Educação Física, me conduziu – assim como a outros jovens colegas - a assumir outras responsabilidades e protagonismos. Dentre as atividades que merecem destaque, estão a minha atuação como Presidente da Federação de Handebol de Rondônia e Coordenador Estadual de Educação Física e Esporte Escolar, isso num momento em que Rondônia já havia se transformado em Estado. Ambas eram funções no âmbito da 'gestão' e me inseriram numa dimensão do mundo do trabalho que até então era estranha para mim. Mesmo que ainda pautado pelo contexto esportivo, conduzir pessoas, desenvolver planejamentos, elaborar projetos 'de ação', participar de processos decisórios relevantes, tratar com recursos públicos e outras atividades afins, foram desafios e aprendizagens bastante significativas no que se refere à minha formação profissional.

Mas afora essa formação profissional que se materializava na ‘vida cotidiana’, naquele mesmo momento eu também busquei qualificação universitária continuada. Durante o ano de 1981 – já com perspectivas de constituição de quadros para atuação na UNIR (Fundação Universidade Federal de Rondônia, que foi criada em 1982), a Secretaria de Educação do Território realizou, em convênio com a Universidade Federal do Pará, um Curso de Pós Graduação em Metodologia do Ensino Superior. Participaram do curso vários professores de diferentes áreas (incluindo aí a Educação Física), todos perspectivando ingressar na Universidade cuja criação se avizinhava. Essa foi a primeira vez que eu tive acesso a uma formação pedagógica voltada para o âmbito educacional fora do universo da Educação Física. Da mesma forma, diferentemente do que eu havia vivido ‘nas quadras esportivas’, as ferramentas pedagógicas ‘novas’ que eu aí tive contato se destinavam a serem utilizadas em aulas realizadas em sala de aula e direcionadas a estudantes adultos – elas trouxeram importantes experiências que, no futuro, vieram a me influenciar bastante.

A aplicação desses conhecimentos já ocorreu em um período quase concomitante a minha participação – na condição de docente - de um o Curso de Licenciatura Curta em Educação Física, realizado com o objetivo de qualificar os professores ‘práticos’ que atuavam nas escolas de todo o Território de Rondônia, assim como regularizar a situação profissional dessas pessoas. Essa atuação se somou às vivências anteriores que eu tive como monitor de disciplinas na ESEF/UFRGS e como professor Colaborador na mesma instituição. Se descortinava aí uma vida universitária e nesse momento eu também tive a oportunidade de ‘fazer uso’ dos conhecimentos adquiridos no curso de Metodologia do Ensino Superior do qual eu participara.

Porém, depois de alguns anos eu solicitei transferência para Porto Alegre, especificamente para a Escola de Educação Física da UFRGS. Os motivos foram vários (dentre os quais os pessoais/familiares), mas o que mais me estimulava a retornar era a possibilidade de me tornar professor na ESEF/UFRGS. Essa expectativa se dava pelo fato de – já perspectivando o retorno – eu ter prestado concurso público na modalidade de handebol nessa Escola. O concurso ocorreu em 1984 e eu fiquei classificado em segundo lugar, o que – segundo me anunciaram à época – me abria a possibilidade de ingressar no quadro de professores numa segunda chamada.

3.2 RETORNO A PORTO ALEGRE – ATUAÇÃO NA UFRGS

Resultado desse processo, 5 anos após ter chegado a Porto Velho, em maio de 1985 eu retornava à Porto Alegre e ingressava na ESEF/UFRGS, redistribuído na condição de servidor público federal, com o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais. Fui lotado no Centro Olímpico da UFRGS, órgão que àquela altura era vinculado à Pró Reitoria Universitária, essa que tinha atribuição principal tratar de assuntos da ‘vida’ dos estudantes, coordenando setores como o Restaurante Universitário e a Casa do Estudante. O Centro Olímpico também oferecia atividades de Extensão voltadas para a Comunidade Universitária em geral, assim como para os próprios estudantes, os servidores e professores da instituição e ainda a comunidade externa à UFRGS. Dentre essas atividades se destacavam as aulas de natação, direcionadas para um público diversificado, sendo elas, desde natação para bebês até para pessoas de idade avançada. Nesse contexto eu atuava em diferentes turmas, na condição de professor de natação.

3.2.1 Jogos Acadêmicos da UFRGS

Mas foi nesse momento— até por conta da minha chegada à instituição²¹ — que foram criados os Jogos Acadêmicos da UFRGS, evento realizado numa ‘parceria’ entre a PRUNI e o Diretório Central dos Estudantes (DCE), e se constituía numa grande competição esportiva entre diretórios acadêmicos (DAs), em diferentes modalidades. O evento ocupava todo o segundo semestre (sábados e domingos), era realizado na ESEF/UFRGS e, em termos de gestão, ficava sob a responsabilidade do Centro Olímpico, particularmente ao meu encargo, isso durante 3 anos seguidos. Essa foi uma experiência muito interessante sob vários aspectos, dentre eles o fato de que a atividade tinha à frente os estudantes de Educação Física da UFRGS, os quais, sob a minha Coordenação Geral, eram responsáveis por coordenar as competições de cada modalidade em particular.

²¹ Digo isso não atribuindo a mim um caráter ‘especial’, mas pelo fato de que a minha chegada proporcionou a efetivação de uma intenção antiga da Direção da ESEF e da PRUNI, que era realizar os referidos Jogos. Isso não ocorria pelo fato de não haver, na UFRGS e até aquele momento, um servidor disponível para a realização de tal atividade. Acredito, inclusive, que investimento em favor da minha redistribuição de Rondônia para a UFRGS tenha se dado por conta desse interesse.

Mas o evento também foi para mim significativo por ser pautado fortemente por um movimento estudantil universitário que – diferentemente de outros movimentos análogos – buscava desassociar o esporte da ideia de espaço de ‘alienação’ e, ao contrário disso, buscava associá-lo a uma dimensão política da vida universitária, num sentido crítico. Naquele período – coincidência ou não – a Presidenta do DCE era uma estudante de Educação Física, e o Pró-Reitor da PRUNI era um professor do Instituto de Química da Universidade e praticante de ‘futebol de várzea’, ambas pessoas bastante atuantes em termos político-partidários e localizados ‘à esquerda’ nesse âmbito. Nessa direção, uma das estratégias adotadas para a mobilização dos estudantes era desenvolver as decisões de forma coletiva e democrática acerca de todas as etapas do evento, o que se materializava em longos debates, com a presença dos representantes de todos os diretórios acadêmicos participantes, onde acabavam por ser tratados outros assuntos de interesse dos estudantes. E também não foi causalidade, por exemplo, que a ‘Abertura’ do evento, em uma das suas edições, teve como pauta o tema dos ‘direitos humanos’, com forte crítica à globalização hegemônica, essa pautada por interesses econômicos de âmbito internacional.

3.2.2 “Fim de Semana na ESEF”

Na mesma época eu desenvolvia um projeto denominado “Fim de Semana na ESEF”, o qual tinha como objetivo proporcionar espaços e serviços ‘de lazer’ para a população do bairro e dos arredores da instituição. Por minha iniciativa e a partir dessa intenção, a Escola de Educação Física ficava aberta aos finais de semana (sábados e domingos), permitindo o acesso da população aos seus equipamentos e também aos serviços de estudantes bolsistas que atuavam sob a minha coordenação. De forma semelhante ao que ocorria nas políticas públicas de esporte em Porto Alegre, cujo trabalho se focava no oferecimento de serviços em praças e parques públicos, a nossa perspectiva se pautava no entendimento de que a Escola de Educação Física poderia/deveria aproveitar os seus espaços ‘ociosos’ dos finais de semana para favorecer a prática de atividades ‘de lazer’ para a população vizinha. O trabalho perdurou por aproximadamente dois anos, sendo encerrado, paradoxalmente, pelo seu sucesso: a aceitação pela comunidade teve tal dimensão que a Escola de Educação Física não conseguiu dar conta das despesas que dele

advinham no que se refere à manutenção dos equipamentos utilizados, o que acabava por prejudicar o que era considerado as atividades 'primeiras' da instituição.

3.3 EM PORTO ALEGRE – RETORNO AO HANDEBOL E APROXIMAÇÕES COM A GESTÃO

Paralelamente ao meu trabalho na UFRGS, e ainda pelos meus vínculos com o Handebol, logo após o retorno a Porto Alegre (entre 1985 e 1989) eu voltei a me envolver com a modalidade. Primeiramente, fui técnico da equipe adulta masculina da Associação Desportiva dos ex Alunos do Colégio São João, atividade que teve a duração de não mais de um ano, mas que me envolvia em campeonatos de âmbito local, regional e, inclusive, nacional. Posteriormente, fui convidado a participar de uma 'chapa' para a Presidência da Federação Gaúcha de Handebol (FGH), na qual ingressei como Vice-Presidente. Porém, em poucos meses – por afastamento do Presidente – acabei por assumir o cargo principal da Federação - essa nova atividade 'de gestão' me ocupou aproximadamente os 3 anos seguintes.

Em certa medida, algumas das experiências acima relatadas acabaram por conduzir a minha carreira para o 'mundo' da gestão em esportes e lazer. E mesmo que eu tivesse atribuições que me permitiriam – na UFRGS – atuar em projetos de extensão na condição de 'professor', o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais era afeto, de forma especial, às atividades do âmbito administrativo. Esse foi um fator motivador para eu me candidatar a cursar Mestrado em Educação Física na Universidade Gama Filho, particularmente na área de concentração 'Administração Esportiva'. Concorri em 1989 e iniciei o curso em 1990.

4 INÍCIO DE UMA VIDA ACADÊMICA

4.1 O MESTRADO NA GAMA FILHO E O RETORNO À ESEF

Como afirmei anteriormente, a ida para Rondônia e a estada naquele Território/Estado²² significou uma experiência profissional bastante relevante, em especial pelas vivências cotidianas num contexto de trabalho intenso e carregado de oportunidades e responsabilidades que dificilmente eu teria tido em Porto Alegre, num mesmo espaço de tempo e naquela altura da minha vida, quando eu era um jovem com idade entre 24 e 30 anos. Mas se isso foi importante e teve impactos na minha vida em termos de vivências profissionais, a entrada no Mestrado demarcou outra dimensão da minha formação continuada, agora no âmbito acadêmico e com repercussões que daí advieram.

Além de ter ingressado no Mestrado, o fato disso ter ocorrido na Universidade Gama Filho e ‘na Área de Concentração Administração Esportiva’, foi um aspecto que conduziu a minha carreira para uma direção bem diferente do que vinha ocorrendo até então. Digo isso considerando, em primeiro lugar, o excelente ‘clima’ acadêmico que eu encontrei na instituição, onde tive contato com uma diversidade de pensamentos e de professores vinculados a diferentes matizes teóricas e posições ideológicas, dentre os quais ressalto: Lamartine Pereira da Costa, um homem com grande experiência internacional e que esteve presente em políticas governamentais brasileiras de esporte e lazer nas décadas de 70 e 80; Nilda Teves, uma educadora que pautava as suas posições com base numa perspectiva crítica de orientação marxista na educação; Vitor Marinho de Oliveira, naquele momento um emergente estudioso do pensamento crítico, também de orientação marxista; Renato Brito Cunha, gestor e presidente da Confederação Brasileira de Basquetebol à época; Sebastião Votre, linguista, especialista em pesquisa qualitativa e análise do discurso; e Roberto Ballalai (meu orientador), doutorado em linguística e também na área da Administração Escolar. Num universo onde eu convivia com essa diversidade de pessoas/pensamentos, nem todos ‘da Educação Física’, tive a oportunidade de participar de inúmeros debates, em sala de aula e ‘nos corredores, esses bastante provocativos e estimuladores de uma importante atitude crítico

²² Naquele período o então Território Federal de Rondônia se transformou em Estado de Rondônia.

reflexiva, que me pareceu/parece fundamental na formação de professores em nível de pós-graduação.

Mas além do que acontecia no contexto ‘geral’ da instituição, a área da Administração Esportiva, na perspectiva que a mim foi oferecida na Gama Filho, trazia consigo uma abordagem onde o foco em teorias e relações de poder do/no âmbito da gestão recebia bastante atenção. Diferentemente do que eu pensava antes de ingressar no Mestrado, essa abordagem não tinha apenas um sentido ‘utilitário’, que muitas vezes prioriza o ‘como’ efetivar ações administrativas e com elas atingir objetivos ‘práticos’ esperados. Diferente disso - em especial nas aulas do professor Roberto Ballalai - eu tive a possibilidade de conhecer teorias da gestão (a Burocracia, a Administração Sistêmica, o Fordismo, o Taylorismo, a Administração Participativa) todas elas sendo analisadas a partir de um olhar sociológico/educacional e identificadas como diferentes perspectivas de desenvolvimento do trabalho coletivo.

O professor Roberto Ballalai, que viria a ser meu orientador²³, era linguista, havia realizado estudos de doutorado na França, com foco na língua francesa. Porém, posteriormente (1986), no Brasil, realizou novo doutorado, esse voltado para a Administração Escolar. Nesse segundo estudo de doutorado, Ballalai teve como foco a gestão das escolas do Rio de Janeiro, onde procurou compreender o “O dito e o não dito no discurso da participação”²⁴. Foi nas suas aulas que conheci as obras “Administração Escolar: introdução crítica”, de Vitor Henrique Paro (1988), e “Administração Escolar: um problema administrativo ou empresarial?”, de Maria de Fátima Felix (1986).

Foi nas aulas de Ballalai que, pela primeira vez, eu identifiquei academicamente algumas posições críticas da área da gestão, as quais colocavam em dúvida os modelos tradicionais das relações no mundo do trabalho. Lembro claramente quando, a partir de Vitor Paro, questionávamos, por exemplo, a noção de administração proposta pelo Modelo Burocrático, que visualizava as relações de trabalho a partir de uma racionalidade impessoal que se propunha – de forma verticalizada – a adequar meios aos fins, na busca de uma determinada idéia de

²³ O professor Ballalai foi meu orientador durante todo o percurso do Mestrado, tendo falecido poucos meses antes da conclusão do estudo. Após o seu falecimento, o professor Nilton Fischer, da FACED/UFRGS, assumiu a minha orientação.

²⁴ A Tese de Doutorado foi defendida na UFRJ, em 1987, tendo como objeto de estudo o Governo Leonel Brizola, iniciado em 1983.

eficiência prática, cujos fins últimos seriam aqueles ‘da organização’. Se contrapondo a esse pensamento, Paro nos levava a questionar: os seres humanos são meros ‘meios’ ou ‘recursos’ da gestão? Os fins a serem alcançados são ‘os fins’ das organizações ou deve-se pensar nos objetivos (‘fins’) coletivos pautados pela emancipação das pessoas? Já com base na leitura de Maria de Fátima Felix fomos conduzidos a identificar diferenças entre a administração ‘na educação’ e gestão ‘nas empresas’, o que nos levava a perguntar: uma escola deve ser administrada da mesma forma que uma fábrica? Os professores são ‘operários’ da educação? Os alunos são ‘produtos’ a serem produzidos dentro da perspectiva estandardizada da organização empresarial?

Reflexões dessa natureza aguçavam o meu sentido crítico em relação ao mundo do trabalho, o que acabou dirigindo os meus pensamentos para a Administração Participativa e a pensar na dissertação tendo essa perspectiva de gestão como tema de pesquisa. Esse processo aconteceu no início da década de 90, quando o Partido dos Trabalhadores recém havia assumido a Prefeitura de Porto Alegre. Naquele momento se anunciava que a capital gaúcha adotaria uma lógica de gestão que se sustentaria na democracia participativa e, com base nisso, se instalou o Orçamento Participativo na cidade. Coerentemente com essa perspectiva, os gestores municipais buscavam adotar essa forma de gestão nas diferentes políticas setoriais em curso. Assim como os outros setores, a Supervisão de Esportes e Recreação (SERP), que tratava das políticas municipais de esporte e lazer na cidade, expressava essa vontade nos seus documentos.

Vendo esse contexto como uma ‘oportunidade’ de estabelecer um *lócus* para a investigação, acabei por me dedicar a tentar compreender como se davam as políticas de esporte e lazer promovidas pela SERP, no que se refere à participação da população na sua gestão. Mobilizado por essa curiosidade, a pesquisa buscava saber ‘em que medida as políticas de esporte e lazer promovidas pela SERP se davam de forma participativa e democrática’. Para alcançar as respostas propostas por esse objetivo, desenvolvi uma pesquisa que se utilizou das entrevistas como principal ferramenta metodológica. Como as ações das políticas em pauta se davam, principalmente, em parques e praças da cidade, entrevistei gestores, professores, usuários e líderes comunitários em seis (6) unidades recreativas²⁵ onde a SERP

²⁵ “Unidades Recreativas” era como a SERP nomeava os espaços (parques e praças públicas) onde havia estrutura e equipe atuando nas políticas de esporte e lazer.

atuava. O produto dessa investigação se materializou na dissertação de mestrado intitulada “Administração de parques públicos e democracia: um estudo de caso na área de políticas públicas para o lazer numa perspectiva democrática”²⁶.

Paralelamente ao trabalho - e já quando eu buscava produzir material empírico para a investigação - fui convidado para atuar como “Assessor Comunitário” no setor, cumprindo as funções de preparar a equipe de professores para desenvolver o trabalho da SERP de forma participativa, estimular as comunidades usuárias do parques/praças no sentido da sua mobilização e constituição de associações atreladas ao esporte/lazer, e estabelecer relações entre a SERP e esses grupos que vinham se organizando em toda a cidade. Desenvolvi esse trabalho enquanto buscava informações para a dissertação e, mesmo que eu não tenha, efetivamente, aproveitado essa experiência como ‘material empírico’, isso fez com que ela tivesse bastante importância para a compreensão daquela realidade.

O resultado da dissertação apontou para os esforços dos gestores em desenvolver as políticas de forma participativa, mas também apontou os seus limites, o que era compreensível pelo fato de que essa perspectiva de gestão era, até certo ponto, uma ‘novidade’ no âmbito das políticas públicas brasileiras e, em particular, nas políticas de esporte e lazer. O resultado dessa investigação foi publicado na forma de capítulo de um livro organizado por Nelson Carvalho Marcellino (1996), sob o título “Políticas Setoriais de Lazer”²⁷. Nesse livro, editado pela Editora Autores Associados, a minha colaboração foi com o artigo intitulado “Participação Popular na gestão do espaço público de lazer: um caminho percorível na construção da utopia democrática”.

Olhando para trás talvez eu possa dizer que na vivência do Mestrado começava a minha carreira acadêmica. Digo isso por entender que foi nesse momento que eu comecei adentrar no “campo científico” (BOURDIEU, várias obras) e passei incorporar o que Bourdieu denominaria de “*habitus* acadêmico” (várias obras), ou seja, eu passei a acionar todo um sistema simbólico estruturado e estruturante que me permitiu compreender e agir dentro de uma forma particular de

²⁶ Esse trabalho pode ser encontrado no LUME – Repositório Digital/UFRGS, no endereço: <<http://hdl.handle.net/10183/149085>>.

²⁷ STIGGER, M. P. Participação Popular na gestão do espaço público de lazer: um caminho percorível na construção da utopia democrática. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho(Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 117-133.

ações capazes de me conduzir nesse contexto. Passei, então, a desenvolver a minha vida profissional nessa perspectiva, de cujo momento vale destacar alguns acontecimentos e situações que logo se sucederam.

4.2 O RETORNO À ESEF

Inicialmente eu destacaria a forma como ocorreu o meu retorno a ESEF, agora na condição de Mestre em Educação Física, uma titulação que não muitos docentes da instituição traziam consigo no início da década de 90. Apesar de eu não ser docente naquele momento, esse título me oferecia algumas oportunidades que, num universo dominado pelos professores, estavam menos disponíveis para servidores que atuavam na gestão. Além disso, a própria ‘atitude acadêmica’ por mim incorporada me levava a propor ações que se encaminhavam para uma nova visão que eu passaria a ter da Universidade.

4.3 REVISTA MOVIMENTO – UM TÓPICO À PARTE

Foi nesse momento que ‘surgiu’ a Revista Movimento. Com o título de Mestre e detentor de um cargo ‘de gestão’ com atuação numa escola de Educação Física, eu propus à Direção da ESEF, criar um periódico para/da instituição. De certa forma, eu buscava uma atividade que articulasse o meu cargo com aquilo que eu trazia junto com a experiência do mestrado, ou seja, o *habitus* acadêmico. Foi assim que, a partir de 1992 – respondendo a anseios que ‘circulavam’ nos corredores da instituição e estimulado por ter tido contato com a revista “Motus Corporis”, da Universidade Gama Filho – passei a destinar parte da minha carga horária para a materialização desse projeto. Depois de dois anos de esforços, em especial para obter os primeiros artigos – uma dificuldade impensável nos dias de hoje -, em 1994, quando eu já havia me tornado ‘docente’ na instituição²⁸, foi publicado o primeiro número do periódico.

Quando acima trato esse tópico como “um tópico à parte”, me refiro a sua relevância no meu processo de aprendizagens e incorporações relativas à forma de ‘viver a academia’. Necessito, então, abrir esse ‘parênteses’, na medida em que a

²⁸ Prestei novo concurso em 1993, fui selecionado em primeiro lugar e assumi a condição de Professor Auxiliar na ESEF/UFRGS no mesmo ano.

minha presença junto à Revista Movimento iniciou naquele momento (1992) e se mantém até os dias atuais, tendo havido apenas uma 'relativa' interrupção. Abandono, então, por algumas páginas, a forma cronológica como venho desenvolvendo esse relato para focar a minha atenção na minha experiência junto à Revista Movimento, desde o seu surgimento até os dias atuais.

Assim, se até então eu vinha me aproximando da vida acadêmica pela experiência da pesquisa científica, agora eu estaria 'à frente' de um dos mais importantes 'objetos de luta' do campo da Educação Física, que são os periódicos onde os pesquisadores disputam lugares de visibilidade para as suas produções. Mesmo sem à época me dar conta disso e sem que a Movimento tivesse o reconhecimento que ela tem hoje, eu passaria a ter influência e poder decisório no que se refere às candidaturas a publicações num importante espaço de difusão do conhecimento. Daí decorreria um conjunto de relações cotidianas com autores, pareceristas, editores, agências de fomento, instituições vinculados à Pós-Graduação Brasileira, enfim, com toda uma gama de 'agentes' do campo acadêmico. Esse processo – que se mostrou altamente formativo - me levaria a conhecer, 'por dentro' como se dá a produção e a divulgação do conhecimento produzido em Educação Física, no Brasil. Nesse contexto não foram poucos os diálogos e as reflexões compartilhadas com colegas que me faziam aprender sobre esse universo. Não foram poucos também os embates travados, tanto internos, como externamente, que colocavam em pauta vários assuntos, dentre os quais os critérios de aceitação de artigos e mesmo acerca do que seria 'uma boa revista' para a Educação Física, inclusive em termos do seu escopo. Por conta disso, acredito ser possível dizer que a iniciativa da 'criação' da Revista Movimento, assumir a responsabilidade de editar um periódico que acabou por ocupar um lugar de enorme alcance e importância, assim como as experiências daí advindas, foram aspectos muito significativos da minha trajetória, no que se refere a ampliar a minha inserção no que seria, efetivamente, fazer parte da lógica de funcionamento do campo acadêmico.

Observando os registros disponíveis no *site* do periódico, me dou conta de que, desde a sua existência até os dias de hoje – quando a revista comemorará 23

anos de existência - eu fui seu Editor Chefe por aproximadamente 11 anos²⁹. Nesse período, o único momento em que me afastei da Movimento, foi entre 1994 e 2000, quando estive em Portugal, cursando Doutorado na Universidade do Porto. Na realidade, como eu disse anteriormente, esse afastamento foi 'relativo', pois eu me mantive membro da Comissão Editorial do periódico. Contudo, logo ao retornar do Doutorado e às atividades na ESEF (início de 2001) já assumi funções associadas à Editoria da Movimento, ora na condição de Editor Chefe, ora cumprindo outros papéis.

Essa alternância de funções se dava pelo fato de que após alguns anos de existência a Revista Movimento passou a se constituir um 'projeto coletivo' de um grupo de professores, dos quais destaco, naqueles momentos que vieram logo após os 'iniciais', os colegas Vicente Molina Neto, Silvana Goellner e Alex Branco Fraga. Somou-se a isso o que denominamos de 'profissionalização' do periódico, que ocorreu pela participação da biblioteca da ESEF nesse processo, especificamente através da presença das bibliotecárias Ivone Job e Naila Lomando. Nos últimos anos (desde 2012) o 'nosso' Editor Chefe foi o professor Alex Branco Fraga, o qual contou com editores adjuntos: professor Elisandro Wittizorecki; bibliotecária Ivone Job; e professor Mauro Myskiw. Nos dias atuais – mantidos os editores adjuntos - eu reassumi, temporariamente, a função de Editor Chefe, tendo em vista o afastamento do professor Alex para pós-doutorado no exterior.

Essa minha trajetória na Revista Movimento - aqui tratada de forma breve, tendo em vista os limites desse texto - se confundiu com a própria trajetória do periódico. Entendo dessa forma pelas inúmeras situações das quais, associado aos meus colegas editores, participei e que interferiram na condução do periódico e que influenciaram na sua enorme repercussão no que se refere ao Campo Acadêmico da Educação Física Brasileira – não tenho dúvidas que a importância da Movimento para a comunidade científica da Educação Física Brasileira é algo que hoje merece pouco questionamento.

Isso já se evidenciou no lançamento do periódico, quando estava prevista a seção Temas Polêmicos, espaço instituído para que o periódico 'dialogasse' com a comunidade acadêmica. Após ser formulada a pergunta "O que é Educação

²⁹ Digo "aproximadamente", pois os registros não mostram os meses de atuação, oferecendo apenas informações anuais. Ver: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/about/history>>. Acesso em 23 mar. 2017, às 11:40.

Física(?)”, o professor Adroaldo Gaya (da ESEF/UFRGS) foi convidado a respondê-la num texto que – no mesmo número - foi comentado pelas professoras Celi Taffarel e Micheli Escobar, à época atuantes na Universidade Federal de Pernambuco. A resposta (comentário) das professoras se constituiu uma crítica ‘dura’ às posições do professor Gaya, o que causou um ‘clima’ intenso (e tenso) na Educação Física Brasileira e estimulou outros intelectuais do campo a ‘entrarem no debate’, o que se seguiu em números posteriores.

Após aquela repercussão, a revista começou a ocupar um lugar de relevo no contexto da Educação Física Brasileira, algo que se esperaria de um periódico científico que pretenda ‘participar’ de um processo de estímulo à produção e difusão do conhecimento numa determinada área: a Movimento imediatamente se fez conhecer pela comunidade a ela afeta; logo se inseriu – e se manteve - em debates relevantes que interessam à Educação Física; se identificou, assim, como um periódico que, efetivamente ‘participa’ da vida acadêmica.

Em artigo publicado por mim, juntamente com outros colaboradores (STIGGER et al, 2014, p. 796)³⁰, em que discorremos sobre a trajetória da Revista Movimento com base nos seus editoriais, referimos a repercussão desse debate:

Os frutos desse primeiro debate vieram de imediato. Talvez não tanto pelo seu “conteúdo”, mas muito pelo “clima” que se estabeleceu, o que nos deixou a certeza de que o objetivo tinha sido atingido e que a proposta vingou. Para que se tenha uma ideia dessa repercussão, a partir do debate original, outros seis artigos foram publicados na revista em resposta ao primeiro. Além disso, uma dissertação de mestrado foi defendida tendo aquele debate como objeto (MALINA, 2001) e, em 2011, no XVII CONBRACE/IV CONICE, foi realizada uma mesa redonda com quatro dos primeiros debatedores da primeira versão dos Temas Polêmicos, momento em que foi possível “reviver” o debate original.

Nesse mesmo artigo estão apresentadas outras situações e momentos do percurso da Revista Movimento, os quais indicam como o processo de desenvolvimento do periódico se refletiu no âmbito da Educação Física Brasileira e, de forma especial, na Pós-Graduação dessa área de conhecimento. O artigo em pauta buscava recuperar 18 anos de existência da Movimento e se referia a três momentos de consolidação do periódico: 1) o surgimento, especialização e a

³⁰STIGGER, M. P.; FRAGA, A. B.; MOLINA NETO, V. Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na Revista Movimento. **Revista brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 790-801, out./dez. 2014.

profissionalização; 2) a visibilidade e os diálogos com a área de conhecimento; 3) a constituição de um 'capital acadêmico'.

Desses momentos, talvez o mais importante tenha sido a 'especialização' da revista, que ocorreu quando decidimos – não sem muita disputa interna³¹ – que a Movimento deveria se especializar como um periódico da educação física em interface com as ciências humanas e sociais. Isso aconteceu em 2003 e está relatado em outro artigo que eu publiquei com a colaboração de alguns dos meus orientandos à época (STIGGER, et al, 2010, p. 114)³²:

Isso aconteceu por duas razões. Primeiramente pelas novas exigências sobre avaliação de periódicos, pelas quais eram criticadas as revistas do tipo "guarda-chuvas" e valorizados os periódicos especializados. Em segundo lugar, pela resposta da própria comunidade, que a "elegeu" como um periódico das áreas sociais. Isso foi identificado num levantamento que mostrou que mais de 75% dos artigos nela publicados até então tinham origem na área sociocultural e pedagógica e que a maior parte da "massa crítica" que se propunha a publicar na Movimento (doutores e professores de cursos de pós-graduação) era de pesquisadores vinculados a este universo.

O resultado dessa decisão se mostrou bastante positivo, fazendo com que a revista se consolidasse como um 'capital acadêmico' do campo da Educação Física Brasileira, em especial no contexto da Pós-Graduação. Isso ocorreu pelo fato de que, através dela, os pesquisadores 'das sociais' passavam a ter um espaço de publicação especializado para os produtos das suas investigações, o que se fortaleceu com o avanço da Revista Movimento no Qualis-CAPES³³. No artigo referido acima, dois pesquisadores brasileiros bastante reconhecidos nesse âmbito foram por nós entrevistados, e se manifestaram:

ao falar dos pontos fortes deste periódico, Juarez Vieira do Nascimento afirma que ele atende "[...] não a demanda de si própria ou da própria UFRGS, mas sim de atender a demanda emergente da área". A orientação para os estudos e conhecimento no âmbito das socioculturais, conforme Valter Bracht, "[...] deve ser destacado e deve ser aplaudido [...]", pelo seu impacto no equilíbrio (de poder) entre as subáreas da educação física (STIGGER, et al., 2010, p. 141).

³¹ A Revista Movimento iniciou como uma revista 'Guarda Chuvas', cujo escopo atingia amplamente os diferentes temas da área de conhecimento Educação Física. Em determinado momento decidimos 'especializá-la' com foco nas ciências sociais e humanas, o que levou a embates internos, no âmbito da ESEF/UFRGS.

³² STIGGER, M. P.; MYSKIW, Mauro; FREITAS, Maitê V. Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que 'se faz' no campo da educação física brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, 2010.

³³ Várias das nossas ações, dentre as quais a inserção da Revista Movimento em bases de dados internacionais, contribuíram para isso.

Outras ações realizadas pelas equipes editoriais que se sucederam na Movimento (indexação internacional; relações com agências de fomento; diálogos e disputas no contexto da pós-graduação) nos levaram a concluir o texto afirmando:

a Revista Movimento, dentro do espaço acadêmico da educação física, não foi apenas uma intermediária, por onde "passam artigos". Mais do que isso, sobretudo pela sua decisão de especialização do escopo e da política editorial adotada, ela tornou-se mediadora de um processo que, simultaneamente, a constituiu. E foi nesse sentido que ela se consolidou como um importante capital acadêmico no campo da Educação Física Brasileira (STIGGER et al., 2010, p. 149).

Finalizando esse tópico, importa dizer que, por ter tido participação ativa nesse processo, eu encontro nexos recíprocos entre uma parcela importante da minha carreira acadêmica e a trajetória da Revista Movimento. Isso me leva a dizer que, se eu ajudei a consolidar a Revista Movimento, ela me constituiu como um professor universitário e pesquisador. Me arrisco ainda a afirmar que se eu ofereci alguma contribuição para a Educação Física Brasileira, foi ter protagonizado o surgimento da Revista Movimento e durante toda a sua existência, junto com outros colegas, ter contribuído para a sua continuidade.

4.4 RETOMANDO A CRONOLOGIA – ENTRADA NA ESEF NA CONDIÇÃO DE DOCENTE

Como eu já referi em páginas anteriores, em 1993, após aproximados oito anos exercendo a função de 'técnico'³⁴ na ESEF/UFRGS, prestei concurso para docente e assumi a condição de Professor Auxiliar na instituição, na disciplina de Handebol. Não fiz, então, uma mera ilação quando afirmei, no início desse relato, que o interesse e os investimentos feitos junto à modalidade esportiva 'handebol', já no início da minha vida universitária, acabaram por serem decisivos para a minha entrada na ESEF/UFRGS, na condição de docente.

Entre dezembro de 1993 (quando assumi a função de docente na ESEF/UFRGS) e setembro de 1996 (quando iniciei estudos de Doutorado em Portugal), eu me dediquei basicamente a três atividades na instituição: passei a

³⁴ Eu estive em Porto Velho de 1980 a 1985, quando fui redistribuído para a ESEF/UFRGS. Inicialmente o meu cargo era de 'Técnico de Assuntos Educacionais', o que foi, tempos depois, alterado para 'Técnico Desportivo'.

atuar como docente nas aulas da disciplina ‘handebol’; manteve a atuação como Editor da Revista Movimento; e desenvolvi um projeto de extensão denominado “Cultura Corporal no Espaço Público”.

No que se refere à Revista Movimento, a condição de docente me oferecia mais espaço e tempo para a ela me dedicar, o que contribuiu para o seu avanço. Quanto às aulas de handebol, provavelmente por conta de uma formação ‘sociológica’ adquirida durante o Mestrado³⁵, eu passei a olhar para o esporte ‘em geral’ e o handebol ‘em particular’ de forma diferente do que até então eu percebia. Se até o momento o meu olhar se voltava para uma dimensão que se pautava por um ensino ‘técnico’ e para a busca da *performance* naquela modalidade esportiva, agora o esporte passava a ser por mim entendido como um fenômeno social e elemento daquilo que, na Educação Física Brasileira vinha sendo denominado de “Cultura Corporal”. Com essa perspectiva, passei a tratar o esporte para além dos seus aspectos ‘técnicos’ de um ‘saber fazer’ e suas repercussões nos resultados esportivos, buscando – naquelas aulas - provocar reflexões sobre questões sociais/educacionais relativas ao esporte. Mas recuperando essas atividades docentes da minha memória, eu me vejo obrigado a reconhecer muitas fragilidades presentes na forma como elas eram desenvolvidas. Apesar da minha experiência ‘técnica’ com a modalidade, eu não dominava, de forma aprofundada, as propostas e discussões pedagógicas que atravessavam a temática do ensino dos esportes e, em especial, as suas relações com a Educação Física Escolar.

Por conta desses limites, mas também por influência do que eu estudara no mestrado, os meus interesses acadêmicos passaram a se dividir. Apesar de que, naquele momento, eu estivesse atuando como professor de handebol na ESEF, os temas do lazer e das políticas públicas em esporte passavam a ser também motivo do meu envolvimento. Foi assim que logo ao retornar do Mestrado, dei início a um Projeto de Extensão denominado “Cultura Corporal no Espaço Público”.

Diferente das outras – e inúmeras – ações de extensão realizadas na ESEF³⁶ naquele momento, esse projeto se efetivava na Praça Rejane Vieira, um espaço público destinado ao lazer, localizado na região da Vila Cruzeiro, na periferia de

³⁵ Mesmo que focado na ‘gestão’, o Mestrado me colocou em contato com uma perspectiva ‘social’ acerca de temas de interesse da Educação Física, dentre eles o esporte.

³⁶ A ESEF/UFRGS (agora ESEFID) tem uma tradição muito reconhecida no âmbito da Extensão Universitária na UFRGS, tendo protagonizado, historicamente, inúmeras atividades, quase sempre dentro ‘dos muros’ da instituição, como aulas de natação, de judô e de ginástica olímpica, atividades físicas para idosos, dentre outras.

Porto Alegre. Em convênio com a Prefeitura de Porto Alegre e inspirados na lógica de como ocorriam as políticas de lazer e esporte da cidade, o nosso grupo de trabalho³⁷ assumiu a gestão 'parcial' da praça, que contava com a ação da SERP em apenas alguns dias e turnos semanais. Ocupando dias e horários específicos, lá estivemos por aproximadamente 20 meses. Nesse período desenvolvemos um trabalho que se orientava pela ideia de que a Universidade Pública – e em especial o curso de Educação Física - teria, além da formação de estudantes, o papel de contribuir para que parcelas das populações da cidade que não tinham acesso ao lazer e aos esportes fossem beneficiadas com esse tipo de atividade de extensão.

O projeto trouxe experiências e reflexões significativas acerca dos limites e possibilidades da Universidade realizar atividades de extensão fora dos seus próprios muros. Em que pese o trabalho ter, efetivamente, contribuído para a formação dos estudantes participantes e para a qualificação do tempo livre das populações locais, em determinado momento nos defrontamos com questões de ordem 'logística' que dificultaram a sua continuidade. Sendo um trabalho de iniciativa voluntária, além dos estudantes não terem conseguido manter a sua disponibilidade para lá atuar, um aspecto que impediu a sua continuidade³⁸ foi o meu afastamento da Universidade para cursar o Doutorado em Portugal, uma importante etapa da minha vida que será relatada a seguir. No que se refere ao poderíamos chamar de 'produto acadêmico', esse projeto gerou uma publicação em revista³⁹, uma apresentação de trabalho em congresso⁴⁰ e um documentário na forma de vídeo⁴¹.

A publicação dos resultados desse trabalho, somados ao artigo oriundo da dissertação de mestrado passaram a contribuir de forma mais efetiva para a minha inserção na vida universitária, em especial num momento histórico em que a produção acadêmica – mesmo de docentes – não era tão regular e indispensável como é hoje. E essas experiências (o mestrado, o projeto social e os seus respectivos 'produtos') me aproximaram e me fizeram refletir sobre a vida cotidiana

³⁷ A equipe era formada por mim e 6 bolsistas de extensão.

³⁸ A falta de continuidade de ações no âmbito de políticas públicas e sociais é algo bastante referido e criticado em diferentes trabalhos acerca do tema, em especial quando se trata de 'trabalho voluntário'.

³⁹ STIGGER, M. P. Cultura corporal no espaço público. **Utopia&Ação**: Revista da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, Porto Alegre, v. 1, n. 2, 1996.

⁴⁰ STIGGER, M. P. Cultura corporal no espaço público: uma experiência de extensão universitária na área do lazer. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA., 5., 1997, Maputo. **Programa final e livro de resumos**. Maputo : Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, 1997.

⁴¹ Disponível no acervo da ESEFID/UFRGS, com o mesmo título.

de pessoas e grupos interessados nas práticas de lazer vividas nos espaços urbanos. Foram elas que me estimularam a dar continuidade aos estudos sobre a diversidade de práticas de lazer esportivas vinculadas a grupos e comunidades auto-organizadas da cidade.

Nesse momento duas pessoas tiveram papel importante nos meus encaminhamentos pessoais/acadêmicos que se desenrolaram daí em diante. Percebendo os meus interesses investigativos para estudos 'de perto e de dentro' de grupos sociais em 'situações de lazer', o professor Nilton Fischer, que havia assumido a minha orientação no Mestrado, sugeriu que eu procurasse formação que me capacitasse a desenvolver pesquisas da área cultural, em especial os estudos etnográficos - nessa direção, ele proporcionou a minha aproximação com a professora Claudia Fonseca, antropóloga e professora na Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFRGS. A partir desse contato comecei a frequentar disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS⁴², assim como passei a conviver com aquele universo acadêmico. Nessas vivências iniciei um processo de incorporação de ideias, noções, conceitos advindos da Antropologia, o que acabou por conduzir o que findou por ser a abordagem adotada na minha tese de Doutorado. Resultado de dois semestres nesse universo, eu realizei o meu primeiro estudo etnográfico, o qual foi publicado em forma de artigo e apresentado em um congresso internacional, quando eu já havia iniciado a formação em Doutorado na Universidade do Porto, em Portugal⁴³.

⁴² "Teoria Antropológica', ministrada pelo professor Rubem Oliven e "Cultura Popular", ministrada pela professora Claudia Fonseca.

⁴³ O estudo intitulado "Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano" foi desenvolvido em Porto Alegre entre 1995 e 1996.(STIGGER, M. P. "Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano." **Movimento**, Porto Alegre, v.4, n.7, p.52-66, 1997. Ele foi também apresentado no VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto de Países de Língua Portuguesa, em 1998.

5 ESTUDOS DE DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DO PORTO

No ano de 1996 eu me candidatei e obtive bolsa da CAPES para estudos de Doutorado na Universidade do Porto, em Portugal. Em setembro daquele ano, cheguei àquela Universidade e iniciei meus estudos sob a orientação do professor Rui Proença Garcia⁴⁴. Passei, então, a participar da vida universitária daquela instituição, o que envolvia encontros com o orientador, com colegas, e, de forma especial, o acompanhamento de eventos, defesas de mestrado e doutorado que ocorriam sistematicamente na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF/UP)⁴⁵.

Conforme muitos relatos de colegas brasileiros que buscam formação de Doutorado no exterior, esses estudos costumam ser momentos ‘solitários’, onde o estudante coloca seu foco na pesquisa que realiza e nos prazos estabelecidos. No meu caso particular, essa formação na FCDEF/UP não previa a participação em disciplinas, o que – pela falta de contatos sistemáticos com colegas e mesmo com o orientador – tendia a ampliar o sentimento de isolamento. Apor conta disso, durante esse período eu me preocupei em não repetir o que advinha de relatos de colegas que tiveram experiências dessa natureza no exterior. Assim, embora eu ocupar a maior parte do tempo em estudos realizados na minha própria residência e no ‘trabalho de campo’ realizado nos fins de semana⁴⁶, durante os 4 anos de estada em Portugal eu fiz muitos contatos e participei voluntariamente de disciplinas fora do ambiente da FCDEF.

Dentre essas atividades, destaco a minha participação frequente na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, local onde a minha esposa cursava a formação em Doutorado. Naquele contexto, participei de inúmeras atividades acadêmicas, dentre as quais um seminário sobre a obra de Pierre Bourdieu, que teve a duração de uma semana. Participei, também, na condição de palestrante, de uma programação da instituição (conjunto de palestras com convidados de várias áreas do conhecimento), cujo tema era “Multiculturalidade e Educação”. Após desenvolver a minha palestra sobre “Desporto e

⁴⁴ Já ao final do decurso do Doutorado, por conta de motivos pessoais alegados pelo orientador, passei a ser orientado pelo professor José Pedro Sarmiento de Rebocho Lopes.

⁴⁵ Atualmente Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP/UP).

⁴⁶ Eu desenvolvia um estudo sobre atividades esportivas realizadas em momentos de lazer, o que ocorria nos fins de semana.

Multiculturalidade”, recebi um convite do professor Stephen Stoer, coordenador do evento e Editor da revista “Educação Sociedade e Culturas”, da própria Faculdade, para publicar o conteúdo da referida palestra naquele periódico. Resultado disso foi a publicação do artigo “Desporto, Multiculturalidade e Educação”, disponibilizado no volume 12 daquele periódico, em 1999.

O investimento nessa publicação foi bastante importante pelo fato de que o tema do evento se inseria de forma bastante significativa no que eu vinha desenvolvendo como estudo de Doutorado. A abordagem antropológica, a noção de diversidade cultural, e as suas relações com educação me levaram a refletir tanto sobre a ‘tese’, quanto acerca de temas que circulavam na Educação Física Brasileira. Mesmo não sendo objetos específicos do que eu vinha estudando, esses assuntos atravessavam muitos dos meus interesses e reflexões.

Outro trabalho por mim publicado naquele período foi um ensaio ‘teórico-metodológico’, onde eu desenvolvi aspectos das minhas primeiras incursões no assunto da tese, o que acabou por se constituir o capítulo da ‘problematização’ da investigação. Com o título “Homogeneidade ou heterogeneidade do desporto? Da adesão à heterogeneidade à investigação etnográfica”, nesse texto, publicado na revista portuguesa “Horizonte” (1998), eu oferecia reflexões sobre motivos para investigar a diversidade cultural que eu identificava no âmbito esportivo, assim como propunha a etnografia como perspectiva metodológica de investigação.

Foi assim que eu fui desenvolvendo trabalhos paralelos aos estudos de Doutorado, alguns sendo publicados com base em atividades realizadas ainda quando eu estava no Brasil, outros já frutos de provocações advindas do desenrolar da tese que estava em andamento. Esse período foi bastante produtivo para mim, tanto pelas reflexões que o desenvolvimento dos trabalhos proporcionava, quanto pelo fato de que essa produção se materializava como diálogos que eram estabelecidos com a comunidade acadêmica⁴⁷ e, dessa forma, como situações em que eu podia avaliar as ideias e pressuposições que eu vinha construindo. Nesse processo de formação/produção também se ampliava a minha inserção no campo acadêmico da Educação Física, tanto no Brasil, como em Portugal.

Recuperando o resultado desse esforço eu me dou conta de que nos 4 anos de formação no Doutorado, produzi 5 trabalhos que foram publicados no Brasil, 2

⁴⁷ Colegas, editores de revistas, avaliadores de trabalhos de congressos e leitores em geral.

divulgados em Portugal, 5 apresentados em eventos de língua portuguesa e 3 localizados fora da comunidade acadêmica da língua portuguesa. A maior parte desses trabalhos foi produzida como única autoria, mas há alguns (3) que foram desenvolvidos em parceria com colegas.

Esses foram alguns aspectos ‘tangíveis’ advindos da minha experiência no Doutorado em Portugal, na medida em que se materializaram na forma de artigos, capítulos de livros e resumos em anais de congressos. Mas há também aqueles que poderiam ser nomeados como aspectos ‘intangíveis’ dessa experiência, o que envolve elementos não materializados, mas vivências, contatos com pessoas, observações de uma realidade diferente da brasileira, etc, entre outros aspectos que, sem dúvida, contribuíram para a minha formação pessoal/profissional, mas também para o desenvolvimento da tese de doutorado.

Um deles foi a realização do que denominávamos, informalmente, de “Grupo de Estudo de Espinho”, um coletivo formado por doutorandos brasileiros que viviam na cidade de Espinho, um município distante 17 Km da Cidade do Porto. Essa cidade, por conta de boas experiências de outras ‘gerações’ de estudantes brasileiros que estiveram na Universidade do Porto, acabou por ser o local de moradia de muitas das pessoas que procuravam formação universitária naquele país. Dentre estes, além de mim, estavam os colegas doutorandos na Universidade do Porto Juarez Nascimento, Leonéa Vitória Santiago e Neiza Fumes, e ainda Joyce Stefanello, que buscava a mesma formação na Universidade de Coimbra⁴⁸.

Provavelmente pelo fato de que todos nós tínhamos a mesma sensação de isolamento, decidimos formar um grupo de estudos para, de forma coletiva, ampliar a nossa formação. Esses colegas já haviam tentado realizar esse tipo de atividade, mas esbarraram nas diferenças das especificidades dos seus estudos, o que dificultava a articulação de assuntos de interesse todos. Coincidentemente, por motivação pessoal, eu havia levado para Portugal um conjunto de livros e artigos que tratavam de teorias do conhecimento científico, um assunto que acabaria sendo de interesse comum a todas essas pessoas. A partir de um acordo acerca disso, passamos a ler obras de Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul

⁴⁸ Juarez Nascimento é hoje docente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Leonéa Vitória Santiago e Neiza Fumes atualmente são docentes na Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Joyce Stefanello é docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Feyerebend. Isso ocorreu por aproximadamente um ano, com encontro às sextas-feiras pela manhã.

De todos esses autores aquele que mais me impressionou foi Thomas Kuhn, autor da obra “A Estrutura das Revoluções Científicas” (1991), trabalho que lemos – se eu bem me recordo – inteiramente. Essa obra, muito reconhecida em todo o mundo, foi considerada por Clifford Geertz como “o texto certo na hora certa”, isso pelo fato de que, de acordo com o autor, ela colocou em ‘cheque’ “a mais prestigiosa, mais ameaçadora e, em meados do século, mais importante atividade intelectual de todas – as ciências naturais” (GEERTZ, 2001, p. 144)⁴⁹. Geertz dizia, assim como outros autores hoje afirmam, que antes de Kuhn, em que pese já existir o que se poderia nomear como uma Sociologia do Conhecimento, as preocupações se pautavam por aspectos ‘externalistas’ da ciência, como os seus efeitos sociais, a origem social dos cientistas, e as normas institucionais que regem o universo científico. Diferente disso, com a sua obra, Kuhn teria olhado para a dimensão ‘internalista’ da ciência, que oferece uma visão que permite entender como e porque determinadas teorias e práticas científicas assumem determinadas formas, despertam interesses e influenciam outras práticas. Respostas a esses questionamentos, que seriam, até então, encontradas com foco na ‘racionalidade’, passam a ser buscadas a partir da compreensão de que existe uma comunidade científica que – historicamente, coletivamente e com base em relações sociais existentes no mundo da ciência – vai rompendo paradigmas e buscando novas bases para a formulação de novas verdades. É assim que Kuhn ‘inaugura’⁵⁰ um olhar social/cultural sobre a ciência, o que leva a considerar que o produto do trabalho científico se dá, menos na relação do pesquisador com os seus objetos/sujeitos de estudo e mais deste com uma comunidade da qual faz parte. Quando afirmo que esses estudos – em especial a leitura de Thomas Khun - foram importantes para a minha formação, estou estabelecendo nexos entre aquelas leituras e algumas preocupações que eu tenho hoje, ao me debruçar sobre as lógicas de funcionamento da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil, tendo como base os Estudos Sociais da Ciência, assunto que será tratado mais adiante.

⁴⁹ GEERTZ, Clifford. O legado de Thomas Khun: o texto certo na hora certa. In: NOVA luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁵⁰ Talvez seja mais justo afirmar que Thomas Kuhn ofereceu ampla visibilidade acerca desses temas, mas que Ludwig Fleck (referido rapidamente na introdução da *Estrutura*) já havia trazido à tona aspectos importantes, e presentes na obra de Kuhn.

6 RETORNO À UFRGS – A TESE DE DOUTORADO E AS SUAS REPERCUSSÕES INICIAIS

Mas o resultado mais importante desenvolvido naquele período foi a realização da Tese de Doutorado propriamente dita. Inspirada em experiências acadêmicas já relatadas (mestrado; projetos sociais; aulas no curso de Pós Graduação na Antropologia da UFRGS), em curiosidades provenientes da vida esportiva pessoal e dos debates ‘da Educação Física’, o objetivo do trabalho foi o de compreender o esporte praticado no mundo do vivido, ou seja, na sua expressão como um elemento que se manifesta dentro de um determinado quadro cultural e na vida cotidiana. Busquei saber sobre quais significados conduziam a prática do esporte praticado por ‘pessoas comuns’ e como isso se materializava no ‘campo de jogo’ e no espaço/tempo de lazer. Tendo como olhar uma perspectiva antropológica de investigação, desenvolvi um trabalho etnográfico no universo de três grupos de praticantes do esporte em fins de semana. A partir do modo de viver o esporte por parte dessas mesmas pessoas, desenvolvi a pesquisa, aliando uma experiência de vida bastante relacionada com o esporte aos instrumentos das ciências sociais.

O objetivo da investigação teve origem numa revisão bibliográfica⁵¹ acerca do tema ‘esporte’, a qual permitiu identificar/localizar produção sociológica sobre essa prática em dois grupos de intelectuais que, com base em diferentes olhares, interpretavam o fenômeno esportivo de maneira diferenciada. Um deles, ao privilegiar aspectos estruturais da sociedade e tendo como base uma perspectiva metodológica que buscava elementos que visavam caracterizar o esporte como uma realidade cultural específica, produziram análises que conduziram para uma visão homogênea e homogeneizadora acerca dessa prática corporal. Segundo esse olhar, o esporte já estaria até certo ponto suficientemente explicado, já que as suas características, vinculadas à realidade objetiva da sociedade mais ampla, se reproduziam nas demais situações onde ele se manifestasse.

De forma diferenciada, outros intelectuais, apesar de reconhecerem a estrutura social na qual o esporte está inserido, voltavam-se também para a diversidade de praticantes e grupos sociais, e conduziram as suas reflexões para a heterogeneidade das manifestações esportivas. Tendo inclusive como referência as

⁵¹ Autores e textos oriundos de diferentes nacionalidades: língua inglesa, francesa, espanhola e portuguesa (Brasil e Portugal).

relações de conflito acerca do que seria ‘o bom uso do esporte’, esses autores abriam espaços para a identificação dessa prática corporal como uma atividade passível de ser apropriada de diferentes formas, por diversas pessoas e grupos sociais, em contextos específicos, onde, com características distintas, inserir-se-ia em modos de vida particulares.

Foi com base nesta discussão que foi desenvolvida a investigação. Mesmo reconhecendo que o esporte seja um fenômeno cultural difundido mundialmente dentro de padrões similares, busquei saber até que ponto, quando praticado no lazer e por grupos sociais particulares, ele apresentaria significados diversos, relativos às ressemantizações determinadas pela apropriação que dele fazem diferentes indivíduos e grupos sociais. Até que ponto isto acontece? Como isto ocorreria? Com que características isso se materializaria?

A partir dessas perguntas, tendo a etnografia como ‘metodologia’ investigativa e em diálogo com uma ampla bibliografia nacional e internacional, foram desenvolvidas interpretações acerca dos universos estudados, tanto no que se refere às formas de pensar e viver o esporte, como sobre maneiras de pensar e viver o tempo/espaço de lazer. Pautado por essas interpretações foi possível afirmar que o universo esportivo não parece ser um universo homogêneo, mas, ao contrário, se mostra bastante heterogêneo. Se é possível admitir que o esporte é um fenômeno sociocultural difundido de forma hegemônica como é desenvolvido nas instituições esportivas, nos contextos estudados ele se materializou em diversas ‘versões’, na medida em que era praticado por diferentes grupos, e em universos culturais particulares. Além disso, assim como esta heterogeneidade foi identificada no sentido de que grupos distintos são capazes de desenvolver maneiras peculiares de praticar o esporte, também no âmbito interno destes grupos foi percebida a coexistência de formas diferenciadas de indivíduos particulares se apropriarem dessa prática social. Isto foi demonstrado quando se evidenciaram diversos conflitos no interior dos grupos, esses relacionados com a diversidade de apropriações que sujeitos particulares manifestavam em relação ao esporte – o que muitas vezes estava em jogo poderia ser compreendido pelas perguntas: qual é o ‘bom’ esporte e de que forma ele deve/deveria se inserir no tempo/espaço do lazer? Qual é a maneira ‘boa’ de pensar e viver o esporte, nas suas relações com o lazer? O resultado desse estudo se materializou na tese de doutorado intitulada “Desporto, lazer e estilos de vida: uma análise cultural a partir de práticas desportivas

realizadas em espaços públicos da cidade do Porto”⁵². O estudo foi publicado pela Editora Autores Associados, na forma de livro, em 2002⁵³.

Se no início desse relato eu afirmava que, por conta de diferentes atividades, eu vinha, aos poucos, me inserido no mundo acadêmico da Educação Física Brasileira, acredito que o desenvolvimento da tese de Doutorado, e as suas repercussões, me conduziram a fazer parte desse universo. Faço essa afirmativa lembrando que, logo ao retornar de Portugal, já no início de 2001, fui convidado pelo Editor da Revista Movimento - à época, o professor Vicente Molina Neto - a participar de um debate que o periódico estava provocando e que iniciara no seu volume 12, ainda no ano 2000. O tema proposto versava sobre as relações entre o esporte praticado no alto rendimento e o esporte praticado no universo escolar. Além dos dois pesquisadores que foram convidados a colocarem o assunto em discussão (Elenor Kunz e Valter Bracht), outros acadêmicos bastante reconhecidos no contexto da Educação Física Brasileira também foram chamados a participar do debate: Celi Taffarel, Alexandre Vaz, Hugo Lovisolo, Adroaldo Gaya. Estar inserido num debate que tinha a participação de professores mais experientes era, para mim, um recém doutor, algo bastante significativo e que representava um reconhecimento em relação ao trabalho que eu havia desenvolvido no doutorado.

No texto que publiquei, fazendo uso dos resultados obtidos na tese de doutorado, desenvolvi um diálogo com acadêmicos que, no Brasil, haviam tratado, numa perspectiva crítica, do tema ‘esporte’ e as suas relações com a Educação Física. Busquei me contrapor a algumas posições que enfatizavam a lógica da reprodução cultural, e que, por conta disso, abriam pouco espaço para que se pensasse na possibilidade de existirem ressemantizações – inclusive críticas – acerca de formas de pensar e viver o esporte. Chamando atenção para o que eu tinha identificado na investigação realizada em Portugal, eu perguntava, naquela publicação: “Se é possível identificar a transformação do esporte no âmbito do lazer, vinculando-o- através de uma participação ativa e criativa - a outros sentidos, por que não seria possível fazer o mesmo no contexto educacional da escola?”

Esse debate foi reeditado posteriormente, na forma de um livro organizado por mim e pelo professor Hugo Lovisolo, esse último que sugeriu realizar a

⁵² Ver: LUME, Repositório Digital da UFRGS. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10183/105084>>. Acesso em: 2017.

⁵³ STIGGER, M. P.. Esporte, Lazer e Estilos de Vida - um estudo etnográfico. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

realização da edição. Já em 2009, com apresentação feita pelo professor Vicente Molina Neto e com a agregação de um segundo texto⁵⁴ escrito por cada autor que participara do debate na Movimento, foi publicado, pela Editora Autores Associados, o livro “Esporte de Rendimento e Esporte na Escola”.

Naquele segundo texto eu reforcei a posição anterior, concluindo com a seguinte consideração:

Se não movidos por convicção teórico-epistemológica, mas por algum tipo de otimismo pedagógico, talvez devêssemos nos esforçar para nos desapegar um pouco das grandes narrativas, duvidar da passividade das pessoas, investir mais em compreender as dinâmicas de reapropriação cultural cotidianos e, quem sabe, aprender com elas.

Com relações ‘diretas’ com a tese de Doutorado, ainda publiquei um artigo na revista canadense *Loisir et Société/Society and Leisure*⁵⁵ e um livro intitulado “Educação Física, Esporte e Diversidade” (2005), editado pela Editora Autores Associados. Nesse artigo eu apresentei uma síntese da tese e no livro busquei, a partir da tese, desenvolver diálogos com a Educação Física Brasileira no que se refere ao debate sobre esporte, escola e lazer. Mesmo que separados em termos temporais, de certa forma, esses textos iniciavam a minha ‘apresentação’ para a comunidade da Educação Física Brasileira, no que se refere ao que eu havia realizado em Portugal e ao que viria dali para frente, em termos de uma perspectiva de pensamento e investigação sobre o esporte que eu anunciava.

Tendo essa perspectiva como condutora das minhas atividades acadêmicas, no ano de 2001 constituí o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF)⁵⁶ e me engajei no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Na realidade, em 2001, após quatro anos de formação na Universidade do Porto, eu retornei ao Brasil e me reinseri nas atividades da Escola de Educação Física, o que incluía, de forma especial e rotineira: o ensino na Graduação; o ensino e orientações na Pós-Graduação; e a minha (re)incorporação ao grupo de editores da Revista Movimento, tema sobre o qual já me referi. Também

⁵⁴ Tratava-se de um ‘texto complementar’, com limite de 5 páginas, que visava estimular a continuação do diálogo a partir dos textos anteriores.

⁵⁵ STIGGER, M. P. La diversité culturelle du sport en tant que pratique de loisir: quelques éléments pour sa compréhension à partir de la recherche ethnographique. **Loisir et Société**, Montreal, v. 28, n. 1, p. 89-113, 2005.

⁵⁶ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gesef/>>.

passei a desenvolver atividades administrativas, e outras ações que fazem parte da 'vida universitária'.

6.1 O ENSINO NA GRADUAÇÃO

No último ano semestre da minha presença na Universidade do Porto eu comecei a me dar conta de que, ao retornar a Porto Alegre, voltaria a ministrar disciplinas vinculadas ao handebol. Isso fez com que eu começasse a me reaproximar da modalidade, assistindo jogos e, inclusive, participando de um curso sobre a modalidade, que foi realizado na cidade de Braga, em Portugal. Porém, chegando a Escola de Educação Física esse esforço se mostrou desnecessário, pois o coordenador da Comissão de Graduação (COMGRAD) solicitou que eu passasse a ministrar outras disciplinas, essas mais afetas aos meus estudos no Doutorado e relacionadas às necessidades que a instituição tinha àquela altura.

A partir desse momento eu me afastaria das aulas de handebol e passaria a me envolver com outras disciplinas. Inicialmente comecei a desenvolver aulas voltadas para estudantes de primeiro semestre, junto à disciplina "Introdução à Educação Física". Posteriormente, também a pedido da COMGRAD, assumi as aulas de "Teoria da Educação Física", cujo caráter era eletivo, tinha três créditos e não apresentava um conteúdo claro, efetivamente explicitado. Diante dessa situação - e também com a concordância da COMGRAD - eu passei a oferecer aos alunos o que eu chamaria de um 'olhar sociocultural' sobre temas de interesse da Educação Física. Isso significava olhar para o corpo e as práticas corporais, dentre as quais os jogos, as danças e o esporte, com um 'olhar' das ciências sociais e humanas. Contudo, sendo uma disciplina eletiva 'de 5º semestre' e pelas exigências de leitura que eram demandadas aos alunos, as turmas 'se esvaziavam' logo após as primeiras aulas, fruto do abandono por parte dos estudantes. Estando convencido da importância desse conteúdo para a formação na área, propus a criação de uma disciplina que denominei de "Educação Física, Cultura e Sociedade", essa obrigatória e com quatro créditos semanais. A disciplina foi aceita pela COMGRAD e passou a ser ministrada desde 2006. Mais adiante, no ano de 2013, após ter sido implantado o novo currículo da Escola de Educação Física, a disciplina "Educação Física, Cultura e Sociedade" se desdobrou em três: "Estudos Socioculturais I",

“Estudos Socioculturais II” e “Estudos Socioculturais III”, as quais são ministradas, respectivamente, no primeiro, segundo e sétimo semestres.

Desde então eu fiquei responsável pelos “Estudos Socioculturais I”, disciplina destinada aos alunos ‘calouros’. Nesse momento, não foi difícil perceber que os estudantes chegavam à Escola de Educação Física com uma visão dessa área profissional que se pautava, fundamentalmente, por um viés das ciências biológicas e as suas ‘aplicações’ em áreas ‘técnicas’ da profissão. Quando isso se expressava em relação às perspectivas profissionais futuras dos alunos (seus ‘sonhos’ iniciais)⁵⁷, não raramente os relatos dos estudantes mostravam uma disposição para atuarem no âmbito das academias de *fitness*, serem técnicos esportivos, preparadores físicos, *personal trainers* e outras atividades afins – não tão raramente, surgiam alunos que já atuam em academias e/ou e estão familiarizados com um linguajar e um conjunto de conhecimentos desse universo, tais como: ‘treino’, ‘exercício físico’, ‘treinamento de força’, ‘cargas de trabalho’, etc. Isso ainda ocorre nos dias de hoje, quando, no contato inicial com os estudantes, poucos são aqueles que expressam o desejo ‘inicial’ de virem a ser professores em escolas, atuarem na área de políticas públicas e projetos sociais de esporte e/ou lazer – na maior parte das vezes os alunos ‘interessantes’, não se mostram familiarizados com linguagens e conhecimentos sobre noções como ‘cultura’, ‘socialização’, ‘ensino’, ‘educação’, etc.

Considerando que estaria aí indicada uma visão limitada acerca das possibilidades de atuação e mesmo de ‘pensar’ a própria Educação Física, venho desenvolvendo a disciplina numa ‘dupla’ perspectiva: por um lado busco ‘desconstruir’ esse olhar restrito, mostrando que os seres humanos não se reduzem à condição de seres ‘da natureza’; por outro, trago à baila uma perspectiva pouco conhecida pelos alunos, que se trata de compreender um universo teórico e conceitual que sustenta as ciências sociais, o que também permite relacioná-lo com a área de conhecimento e intervenção Educação Física. Isso vem se materializando numa disciplina que exige uma quantidade significativa de leituras acerca de textos (artigos e capítulos de livros) advindos de disciplinas originárias das ciências sociais e também, obviamente, de trabalhos originários de pesquisas e das discussões específicas ‘da Educação Física’. Nessa lógica, a disciplina se materializa com a seguinte ementa:

⁵⁷ Provocação que eu costumo fazer nos primeiros dias de aula.

Aborda conceitos básicos sobre natureza, cultura e sociedade, tematizando o corpo e as práticas corporais, na sua relação com esses conceitos. Discute criticamente acerca do corpo e das práticas corporais no contexto da diversidade cultural, problematizando as suas relações com estética, saúde, educação, e Educação Física, considerando diferentes marcadores identitários, tais como: gênero, raça, etnia, classe social, geração, e populações com necessidades especiais. Estimula a reflexão crítica acerca das distintas perspectivas e autores tratados, estabelecendo entre eles: diferenças e semelhanças, continuidades e descontinuidades, contradições e complementaridades.

O resultado desse esforço tem se mostrado bastante importante e produtivo, o que me leva a acreditar que, ao final do semestre, os estudantes passam a carregar consigo uma visão diferenciada da Educação Física e das possibilidades profissionais que poderão para eles se descortinarem dali em diante. Faço essa afirmação a partir dos resultados das avaliações que envolvem um conjunto bastante denso de conhecimentos específicos, o que é ‘medido’ em diferentes tarefas que os alunos necessitam ‘dar conta’. No último semestre, por exemplo, os alunos realizaram: duas provas dissertativas; leitura de 13 textos sobre os quais fazem ‘mini-provas’; e apresentação de um trabalho final (em grupo) em sala de aula, cujo tema é ‘pesquisa social em Educação Física. Apesar dessa exigência de um conjunto significativo de tarefas, finalizado o semestre a maior parte dos estudantes tem sido avaliada com conceitos entre ‘A’ e ‘B’, sendo que alguns (poucos) reprovam por não conseguirem acompanhar o conteúdo exigido. E nesse contexto as avaliações dos docentes em relação à disciplina têm se mantido, há vários semestres, na conceituação ‘ótimo’⁵⁸.

6.2 A PÓS-GRADUAÇÃO

No ano de 2001 eu ingressei no Programa de pós Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS) na condição de Docente Permanente. O meu ingresso se deu, especificamente, na área de concentração “Movimento Humano, Cultura e Educação”, e na linha de pesquisa “Representações Sociais do Movimento Humano”. A partir daquele momento, adentrei num universo extremamente exigente e competitivo da vida universitária, onde muitas coisas estão em ‘jogo’.

⁵⁸ Ver Relatório de Avaliação Docente.

Sobre esse aspecto, não seria um despropósito dizer que fazer parte do PPGCMH significaria estar inserido numa 'lógica' que se vincula ao que é caracterizado por Bourdieu pela noção de *Illusio*, o que significa “estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale à pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar” (BOURDIEU, 2004, p. 139)⁵⁹. Fazendo uso dessas palavras, me dou conta de que nesse momento da minha carreira, efetivamente, eu 'entrei no jogo' das relações acadêmicas da Educação Física Brasileira que se dão, de forma especial, no âmbito da Pós-Graduação.

Nessa conjuntura eu passei a ter diferentes atividades cotidianas: ministrar aulas e orientar estudantes de mestrado e doutorado, o que também implica em – com certa frequência – participar de bancas de defesa final e qualificação de trabalhos, publicar o resultado das pesquisas desenvolvidas e exercer diferentes funções e tarefas vinculadas ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH). Em que pese nesse universo haver todo esse conjunto de atividades, nesse tópico vou focar a minha atenção principalmente no que tange à orientação de estudantes e nas respectivas publicações, assim como ao que vou nomear como 'funções e tarefas acadêmico-administrativas'.

No que toca às orientações dos estudantes e às publicações, vou mencioná-las juntamente com a apresentação do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), tendo em vista que essas atividades – Pós-Graduação e GESEF – se confundem, na medida em que os estudantes que são por mim orientados são aqueles que fazem parte do GESEF. Assim como ocorrem no PPGCMH, as orientações, as atividades de formação acadêmica e as publicações também fazem parte da rotina do GESEF. De qualquer forma, mesmo que resumidamente, vale oferecer ao leitor algumas informações acerca das disciplinas que eu ministro/ministrei.

6.3 ATIVIDADES DE ENSINO - DISCIPLINAS

No que se refere às disciplinas, fazendo uma busca sobre isso, encontrei várias delas que foram por mim ministradas, todas, obviamente, relacionadas à linha de pesquisa na qual eu estou inserido. Como o PPGCMH tem uma dinâmica

⁵⁹ BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.

curricular que praticamente não prevê disciplinas obrigatórias, não foi por acaso que a minha participação se deu fundamentalmente em disciplinas eletivas. Mesmo assim, tive presença, por vários semestres, na disciplina obrigatória “Instrumentos para coleta de informações na pesquisa Qualitativa”, a qual, a maior parte das vezes foi ministrada de forma compartilhada, ou seja, com a participação de diferentes docentes do Programa. Nessas participações a minha parcela esteve sempre relacionada com a apresentação do método etnográfico de investigação, o qual tem sido aquele mais utilizado nas pesquisas que desenvolvo junto aos meus orientandos. Quando uso a palavra “apresentação” é pelo fato de que, na dinâmica da disciplina, a minha parcela se reduzia a ofertar duas aulas sobre a etnografia, o que não permite qualquer aprofundamento, mas é ‘suficiente’ para que os estudantes adquiram ‘alguma’ familiaridade com o método. Mas antes de ser desenvolvida de forma compartilhada, essa disciplina era ministrada pelo professor Vicente Molina Neto, o qual, por um período de um ano, esteve em estudos de Pós-Doutorado na Espanha. Nesse período (um semestre) eu o substituí e ministrei a disciplina individualmente.

Diferente do que ocorreu na atividade compartilhada, foi a minha participação na disciplina “Pesquisa Etnográfica em Educação e Cultura: o campo, a análise, o texto”, a qual eu conduzi no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS e dentro da linha de pesquisa “Educação, sexualidade e relações de gênero”. Essa disciplina foi realizada no primeiro semestre de 2006, o que ocorreu a convite e sob a responsabilidade da professora Dagmar Estermann Meyer, orientadora naquele programa. Quando afirmo que essa disciplina se desenvolveu de forma “diferente” do que eu vinha realizado sobre etnografia no PPGCMH, é porque, nesse caso, os alunos tiveram cinco encontros e três atividades práticas, realizando observações e registros em diários de campo, o que era apresentado e debatido em sala de aula. Por conta disso, o trabalho foi bastante produtivo, permitiu algum aprofundamento e levou alguns dos estudantes a desenvolverem suas pesquisas com base na etnografia.

Mas eu ainda ministrei outras disciplinas no PPGCMH, essas eletivas e – de acordo com as suas particularidades – com diferentes importâncias para os estudantes e as suas pesquisas. Uma delas, denominada “Educação Física, Cultura e Sociedade” trata de fundamentos teóricos relativos à pesquisa social, com foco na dimensão cultural. Através dela os estudantes são colocados em contato com

autores e pesquisas das áreas mães das 'humanidades' e também com referenciais e temas específicos 'da Educação Física'. Com essa perspectiva, a ementa da disciplina tem sido estabelecida com base no que está abaixo:

Tendo como ponto de partida uma perspectiva de *cultura*, vista como um sistema de representações compartilhadas/disputadas no contexto social de diversas formas, dentre as quais aquelas relacionadas às suas práticas corporais, a disciplina se propõe a oferecer elementos para que se possa compreender como os processos sociais são constituídos em problemas de investigação, nesta ótica e neste campo de estudos. A partir disto, serão privilegiadas as discussões sobre como se dão as dinâmicas através das quais, em diversos contextos socioculturais, diferentes grupos e instituições constroem suas representações acerca das suas práticas e do mundo em que vivem, assim como, alguns fundamentos pelos quais o investigador poderá ter acesso a estas representações, no processo interpretativo

Outra disciplina eletiva que foi por mim ministrada no PPGCMH é nomeada de "Fundamentos Socioculturais do Esporte e do Lazer". Essa disciplina tem um caráter temático específico e costuma interessar aos estudantes que pretendam pesquisar sobre os temas do lazer e do esporte, em particular. Dependendo dos alunos matriculados e de seus interesses de pesquisa, em que pese haver uma ementa que está apresentada a seguir, as aulas acabam por ser focadas de forma mais evidente, ora no tema esporte, ora no assunto lazer. Ementa:

Não é difícil reconhecer que, desde o seu surgimento na Inglaterra e a partir do seu desenvolvimento em distintos universos históricos e geográficos, o esporte tem se constituído um importante fenômeno cultural, capaz de mobilizar, em torno de si, indivíduos de diferentes lugares, estratos sociais, gêneros, idades e posições ideológicas. Se, por um lado, a sua grande visibilidade social ocorre a partir da sua dimensão oficial - o esporte *espetáculo* ou *de rendimento* -, por outro, também no âmbito do lazer, esta prática social se insere de forma significativa no modo de vida das populações, tanto na condição de praticantes, quanto de espectadores. Nesta perspectiva, a disciplina buscará oportunizar a compreensão dos fundamentos das discussões contemporâneas acerca do esporte, a fim de oferecer elementos que contribuam para a investigação em diversos âmbitos do contexto das ciências do movimento humano a partir de uma ótica sociocultural.

6.4 FUNÇÕES E TAREFAS ACADÊMICO-ADMINISTRATIVAS – UM CAMPO DE LUTAS

Mas talvez seja no que eu denominei de "funções e tarefas acadêmico-administrativas" onde ocorra, de forma mais evidente, os 'jogo' das relações que se estabelecem nesse universo. Estou aqui me referindo aos momentos em que são

decididas muitas ‘coisas’ relativas ao ‘mundo’ da Pós-Graduação, em especial o que trata das normas do Programa, o que tem relações com preceitos estabelecidos no âmbito mais amplo desse universo, em especial nos vínculos com a CAPES. Essa situação se torna particularmente evidente na Área 21⁶⁰, onde a Educação Física está inserida, ‘lugar’ onde convivem pesquisadores de diferentes perspectivas de produção do conhecimento, o que – por conta de diferenças e disputas - constitui um ‘campo de lutas’ num universo científico bastante ‘turbulento’.

No que se refere à Educação Física, cujas pesquisas transitam entre ‘cultura’ e ‘natureza’, é difícil afirmar que exista ‘uma’ ciência dessa área de conhecimento. Contrariamente a isso, o que se identifica é uma pluralidade de ciências ‘na’ Educação Física, o que foi evidenciado no trabalho de doutorado, por mim orientado, de autoria de Raquel da Silveira, intitulado “Vivendo Ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física” (2016). Nesse estudo Raquel demonstrou que diferentes pesquisadores, com diferentes perspectivas investigativas que transitam ‘na’ Educação Física, na realidade se encontram quase que exclusivamente nos programas de Pós-Graduação e nas instituições a eles relacionadas. Nesses ‘lugares’ as diferenças relativas ao pensar a ciência são evidenciadas, entram em discussão e ocorrem duros embates acerca do que seria a ‘boa’ pesquisa em Educação Física. A partir dessas diferenças, dentre outras que poderiam ser citadas, várias perguntas acabam por ser feitas, as quais findam, muitas vezes, sendo respondidas de forma bastante diversa: o que é um bom pesquisador? O que é um bom trabalho científico? O que é uma boa revista? Em que revistas vale à pena publicar? O que é um bom programa de Pós-Graduação?

Decorrente de questões como essas, nesse universo são discutidas e decididas situações que repercutem na vida de pesquisadores e estudantes de Pós Graduação. Dentre elas estão, por exemplo: as diferentes concepções sobre o ‘tempo’ (prazos) para realização dos mestrados e doutorados; os critérios de avaliação dos programas de Pós-Graduação, de pesquisadores e de estudantes; os critérios de concessão de bolsas de estudo; os fundamentos relativos à concessão de recursos para pesquisas. Quando essas ‘respostas’ se materializam num ‘sistema da Pós-Graduação’, se constituem os balizadores que pautam todo um processo

⁶⁰ No âmbito da CAPES a Área 21 é constituída por programas de Pós-Graduação das áreas de conhecimento Educação Física, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia.

avaliativo, situação em que, segundo muitos pesquisadores – em especial aqueles vinculados às ciências sociais – as diferenças se manifestam como desigualdades.

Num artigo por mim publicado sobre as disputas que ocorrem nesse contexto⁶¹, dois pesquisadores brasileiros renomados expressavam as suas posições. Enquanto Go Tani dizia que “a Educação Física, goste ou não goste, é tudo isso”, Valter Bracht defendia que algumas regras “são claramente favoráveis a uma determinada perspectiva de fazer ciência, que desfavorece um grande grupo da Educação Física” (STIGGER et al, 2015)⁶².

Pelo fato de eu ter participado, por três gestões, da Comissão Coordenadora de Pós-Graduação⁶³, mas também do Conselho de Pós-Graduação, do qual todos os docentes permanentes fazem parte, vivi experiências significativas que me levaram, inclusive, em investir numa área de estudos denominada “Estudos Sociais da Ciência”, um campo multidisciplinar de pesquisa que se inicia quando historiadores, filósofos, antropólogos e sociólogos passaram a se debruçar sobre a temática da construção social do conhecimento. Mesmo correndo o risco de estar estabelecendo um vínculo inadequado, talvez eu possa dizer que o meu interesse por esses estudos tenha suas origens no impacto que a leitura de Thomas Khun teve sobre mim, durante a formação de Doutorado, ainda no Grupo de Estudos de Espinho.

De qualquer forma, a experiência acadêmico-administrativa no Programa de Pós-Graduação influenciou, de maneira significativa, o meu interesse por estudar o ‘mundo científico’ a partir de um olhar sociológico, uma experiência que não está isolada, mas articula-se com a docência e a orientação de estudantes, já relatadas acima. É possível então afirmar que foi a ampla vivência no nosso Programa de Pós-Graduação que me levou a participar de ‘movimentos’ de docentes no sentido de questionar a lógica hegemônica que perpassa a vida acadêmica brasileira em geral e, em particular aquela experimentada no contexto da Educação Física. Foi motivado por essa experiência que me estimei por essas discussões, o que me levou, também, a realizar alguns investimentos acadêmicos sobre esse assunto.

⁶¹ Referido a seguir.

⁶² STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R.; MYSKIW, M. O processo de avaliação da pós-graduação em educação física e ciências do esporte no Brasil e algumas das suas repercussões cotidianas. In: RECHIA, S. (Org.). **Dilemas e desafios da Pós Graduação em Educação Física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. v. 1, p. 15-56.

⁶³ Fui membro da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em três gestões: 2002 a 2004; 2004 a 2006; e 2016 a 2017.

No que se refere aos ‘movimentos’ da comunidade acadêmica, eu participei de três fóruns de debate sobre a Pós-Graduação, os quais foram realizados pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), em associação com diferentes universidades brasileiras (UFES; UFRGS; UFPR). Um desses eventos foi realizado em Vitória/ES, um em Porto Alegre/RS, e outro na cidade de Curitiba/PR. Eu participei da coordenação dos dois últimos e apresentei conferência no Fórum realizado em Porto Alegre.

Mas também investi em estudos e publicações acerca do tema. Juntamente com um ex-orientando e uma orientada⁶⁴, em 2015 eu publiquei um capítulo de um livro editado pela Editora UNIJUÍ, o qual foi intitulado “O processo de avaliação da Pós-Graduação em Educação Física e Ciências do Esporte no Brasil e algumas das suas repercussões cotidianas”. Por conta do meu envolvimento com esse tema, fui convidado a realizar apresentações em três diferentes eventos que tratavam do mesmo assunto. Foram eles: o Salão do Conhecimento, realizado na UNIJUÍ, em setembro de 2013; o XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte, realizado em Vitória/ES, em 2015; o VI Fórum da Pós-Graduação do CBCE, realizado em Porto Alegre, em 2016.

Ainda sobre o mesmo assunto, fui também organizador de uma obra editada pela Editora Autores Associados, publicada no ano de 2015. Com o título “Educação Física+Humanas” e composto por onze artigos escritos por reconhecidos pesquisadores brasileiros⁶⁵, o livro trata de questões relativas à pesquisa e à Pós-Graduação, onde se evidenciam diferenças e disputas entre as subáreas da Educação Física, as quais são por muitos denominadas de ‘sociocultural/pedagógica’ e ‘biodinâmica’. Na mesma obra, em parceria com o colega Mauro Myskiw, publiquei um artigo em que problematizamos determinadas especificidades dos estudos sobre o lazer, nas relações com o tema-base do livro, texto que intitulamos: “O lazer entre a conteudização e a compreensão: olhares das subáreas da Educação Física”. Ainda fazendo parte da mesma obra, publiquei a “Apresentação” do livro, onde anunciei algumas provocações em torno do assunto que estava em pauta, as quais expressavam o fio condutor que deveria mobilizar os

⁶⁴ Mauro Myskiw e Raquel da Silveira.

⁶⁵ Valter Bracht; Edison de Jesus Manoel; Paulo Evaldo Fensterseifer; Santiago Pich; Sidinei Pithan da Silva; Mauro Betti, Eliane Gomes-da-Silva; Pierre Normando Gomes-da-Silva; Jocimar Daolio; Yara M Carvalho;. Ivan M Gomes; Alex B Fraga; Mauro Myskiw; Hugo Lovisolio; Rosecler Verdrúsculo; Edivaldo Góis Junior; Marcus Aurélio Tabora de Oliveira; Silvana Vilodre Goellner; Christiane Garcia Macedo.

demais trabalhos. Abaixo apresento a sinopse dessa publicação, o que está na sua contracapa:

Corpo, atividade física, esporte – elementos centrais da identidade da educação física – foram, historicamente, estudados pelas ciências da natureza, afinal o “corpo” é nossa ligação mais direta com a natureza; o que perdura de natureza em nós. Recentemente, no entanto, esses elementos constitutivos da educação física passam a ser estudados também com base nas ciências humanas. Essa dupla possibilidade, de estudar, explicar e compreender esses fenômenos tanto com base nas ciências naturais quanto nas ciências humanas parece ter produzido um conflito, um antagonismo na área que merece ser investigado, repensado e superado. Nesse sentido, o livro oferece não só reflexões sobre essa relação conflituosa, indicando possibilidades de superação, mas, também, exemplos de como temas caros à educação física podem ser tratados de forma frutífera nas ciências humanas.

Mas anteriormente à produção desses trabalhos, insatisfeito com os debates que vivenciava acerca da Pós-Graduação Brasileira em Educação Física, os quais eu eventualmente considerava pouco sustentados e muitas vezes ‘queixosos’, busquei formação acadêmica sobre o tema e submeti um projeto de Estágio Pós-Doutoral a diferentes instituições brasileiras de fomento (CAPES; CNPq) e ao Programa Ciências sem Fronteiras, onde me propunha a passar sete meses na Universidade Paris X Ouest la Défense estudando o assunto, tanto em âmbito brasileiro, como francês. O projeto foi aprovado nas três instituições, com o título: “A Produção e Avaliação do Conhecimento em Educação Física: uma análise a partir dos Estudos Sociais da Ciência” e era conduzido pelas seguintes questões:

- como – num universo onde convivem diferentes pesquisadores, com diversas bases teóricas e epistemológicas que sustentam as suas pesquisas - tem se estruturado a produção do conhecimento em Educação Física?
- como, num contexto movido por relações sociais, se estabelecem determinadas noções, crenças, classificações, hierarquias, e instituições com base nas quais são consolidadas determinadas perspectivas de avaliação e reconhecimento da produção de conhecimento em Educação Física?
- qual a relação dessas questões com a conjuntura internacional da ciência?

Essa proposta de estudos me levou àquela universidade francesa em 2013, porém, em razão de doença familiar, eu fui obrigado a retornar após 40 dias de estada em Paris, tempo suficiente para perceber que esse debate não se reduz ao

contexto brasileiro. De qualquer forma, eu acabei por conseguir desenvolver esse assunto a partir de um estudo por mim orientado. Assim, estimei uma das minhas orientandas a realizar um estudo sobre o assunto, assumindo-o como ‘tema de pesquisa’. Foi dessa maneira que surgiu a Tese de Doutorado de Raquel da Silveira, já referida. Sustentado pela perspectiva dos Estudos Sociais da Ciência, a investigação se materializou numa ‘Etnografia de Laboratório’, na qual Raquel acompanhou dois grupos de pesquisa, junto aos quais realizou observação participante, analisou documentos, realizou entrevistas e ‘seguiu’ pesquisadores: um dos grupos era vinculado aos estudos sobre a Educação Física Escolar e o outro era ligado às pesquisas na área da Biomecânica. Após um denso trabalho empírico e qualificada análise, Raquel trouxe informações esclarecedoras sobre ‘como se faz ciências em Educação Física no Brasil’. Talvez a conclusão mais importante do estudo é que ‘se faz ciência na Educação Física Brasileira a partir de diferentes ontologias’ sendo que o estudo mostrou os espaços e tempos onde essas ciências se encontram, que tipo de interações há entre elas, quais as consequências para as suas existências e para outras realidades, como, por exemplo, para as práticas de intervenção em Educação Física.

Finalizando esse tópico, importa deixar claro que, em que pese as minhas atividades na Pós-Graduação tenham sido apresentadas ‘à parte’ de outras dinâmicas da minha vida acadêmica, ela está profundamente atrelada a diferentes dimensões da minha vivência universitária, como, por exemplo, o que já foi relatado sobre a Revista Movimento. Isso vai se evidenciar de forma mais clara no próximo tópico, onde vou expor a minha experiência na formação de estudantes e as minhas publicações, o que – conforme adiantei acima - será apresentado de forma articulada ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), do qual sou fundador e coordenador. Na realidade, pretendo desenvolver esse tópico ‘a partir’ da minha experiência no GESEF.

6.5 O GESEF E A PÓS-GRADUAÇÃO – ATIVIDADES ENTRELACADAS

Decidi apresentar dessa forma, tendo em vista que as minhas atividades na Pós-Graduação e no GESEF se confundem, já que os mesmos estudantes que são por mim orientados são aqueles que fazem parte do GESEF. Sobre essa estratégia de apresentação, vale ainda ressaltar que nesse tópico eu oferecerei ao leitor

informações sobre as publicações feitas por mim individualmente, ou seja, sem a participação de estudantes do GESEF. Mesmo que não sejam efetivamente ‘coletivas’, elas acabam por fazer parte de um processo de produção de conhecimento que acaba por não ocorrer de forma ‘exatamente’ solitária. Ainda importa dizer que as atividades do GESEF não se resumem à formação e orientação de estudantes e às suas respectivas publicações – elas envolvem, de forma relativamente sistemática, a realização de eventos e encontros que, não raramente, se caracterizam como atividades de extensão universitária.

6.6 GESEF – ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E FORMAÇÃO COLETIVA

O Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF)⁶⁶ foi por mim fundado em 2001, logo que eu retornei de Portugal. Inicialmente constituído por estudantes de iniciação científica, ele logo obteve uma formatação vinculada aos estudantes de mestrado e, posteriormente, de doutorado. Já há muitos anos o Grupo tem uma dinâmica em que desenvolve as suas atividades nas sextas feiras pela manhã, momentos em que são realizadas atividades ‘de gestão’ e ‘de formação’, essas últimas se caracterizando como estudos dirigidos e orientações coletivas.

O que denomino aqui de atividades ‘de gestão’ refere-se aos encontros em que tratamos das ações que estão sendo realizadas, da programação de cada semestre, da previsão de participações coletivas em eventos, e outras dessa natureza. Eventualmente isso ocorre em reuniões específicas, mas na maior parte das vezes essas atividades são feitas juntamente com as demais. É nesses momentos que planejamos as atividades semestrais, o que é agendado numa programação desenvolvida por todos os participantes. As atividades ‘de formação’ acabam por ser principalmente de duas naturezas, algumas sendo aquelas em que os diferentes estudantes fazem apresentações, para os colegas do GESEF, acerca do andamento dos seus trabalhos, enquanto outras se relacionam a leituras coletivas que são feitas sobre determinados temas e/ou autores.

Sobre as primeiras, é de se destacar que esses encontros são muito produtivos e são neles – talvez mais do que no contato individual com o orientador –

⁶⁶ Ver site do CNPq <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4952573356502990>>. e página que o grupo mantém, hospedada no servidor da UFRGS: <<http://www.ufrgs.br/gesef/>>.

que acontece um importante processo pedagógico no que se refere à aprendizagem sobre a construção das pesquisas em andamento. Normalmente isso ocorre às vésperas de defesas finais ou provas de qualificação de dissertações e teses, situação em que os trabalhos são disponibilizados a todos os membros do GESEF, esses que lêem os trabalhos com antecedência e comparecem à reunião com a responsabilidade de apresentar as suas impressões, críticas e sugestões. O nosso esforço é sempre no sentido de que isso ocorra em situações nas quais as contribuições do Grupo ainda possam ser agregadas ao trabalho em análise. Conforme dizem os alunos, esse processo costuma ser mais 'duro' do que as defesas propriamente ditas.

Quanto às leituras dirigidas, essas também são feitas coletivamente, com textos pré-definidos em agenda de leituras e de apresentações. Para esses dias todos devem fazer a leitura do material pré-determinado, enquanto alguns (usualmente 2) se responsabilizam por coordenar a atividade, realizando uma apresentação prévia e conduzindo o debate. Para que os leitores tenham uma ideia da dimensão desses estudos - os quais nós denominamos de "Seminários Avançados" e vinculamos ao PPGCMH como "Estudos Individuais Programados" -, cito o exemplo do segundo semestre de 2014, quando lemos coletivamente trechos de diferentes obras de Bruno Latour. Era um momento em que o GESEF se aproximava dos Estudos Sociais da Ciência e tínhamos também o interesse conhecer a Teoria ATOR-REDE, perspectiva investigava desenvolvida pelo autor. Sobre esse autor/tema, no período de 22/08/2014 a 12/12/2014, em 10 encontros, realizamos um estudo que teve como base em torno de 350 páginas de leitura.

Mas o grupo desenvolve investimentos coletivos de formação que se constituem em eventos e cursos e ainda 'se envolve' em movimentos vinculados aos nossos interesses de estudo e intervenção, que também se constituem momentos de formação. Essas ocorrências – mesmo que nem sempre sejam registradas no sistema de extensão universitária da UFRGS – se caracterizam como atividades que ultrapassam os muros da Universidade e estabelecem relações entre o GESEF e a vida social como um todo. Esse tipo de atividade ocorre com alguma frequência, dentre as quais cito apenas a 'série' "Diálogos", a qual se constituiu como um conjunto de atividades sobre temas que o GESEF tratava em diferentes momentos, esses relacionados com trabalhos de pesquisa em desenvolvimento e abertas à participação de pessoas 'de fora' do GESEF:

- Diálogos sobre Classes Sociais e a Cidade: vínculos e ações em Esportes, Lazer e Saúde
 - Período: 17/10/2009 a 01/12/2009
- Diálogos sobre Etnografia(s) na Cidade: Esporte, Lazer e Infância
 - Período: 15/09/2010 a 03/12/2010
- Seminário Internacional - a perspectiva do Lazer Sérió: diálogos com Robert Stebbins
 - Período: 01/07/2014 A 08/08/2014
- Diálogos sobre Etnografias em Esporte e Lazer
 - Período: 03/03/2015 a 24/07/2015
- Diálogos Internacionais sobre Esporte, Lazer e Educação Física
 - Período da Ação: 01/09/2015 a 13/12/2015

6.7 GESEF/PPGCMH – ORIENTAÇÕES, PESQUISAS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Como já referido, eu retornei de Portugal em dezembro do ano 2000. Logo no início de 2001, efetivamente retornando às atividades na Escola de Educação Física, me inseri no PPGCMH e, ao mesmo tempo, ‘fundi’ o GESEF e iniciei as suas atividades. Em 2002 iniciei as orientações dos meus primeiros estudantes de mestrado e, em 2006, passei a orientar o primeiro estudante de doutorado. Daquele momento em diante dei início a um processo contínuo de orientações que tem seguimento até os dias de hoje.

Esse processo acabou sendo pautado pelas minhas experiências acadêmicas anteriores, as quais se relacionavam com dois temas diferentes, apesar de ambos serem relacionados ao esporte e ao lazer. Vale lembrar que no Mestrado eu havia estudado acerca do tema de Políticas Públicas de Lazer e no Doutorado desenvolvi uma pesquisa sobre o esporte praticado ‘no lazer’, a partir de uma perspectiva antropológica de investigação. Por conta dessas experiências e também pelos interesses dos estudantes que me procuravam para orientação, eu passei a oferecer vagas para candidatos que pretendiam realizar estudos dentro dessas duas perspectivas.

Independentemente das diferenças temáticas, a minha experiência com a pesquisa antropológica acabou se manifestando na maior parte dos estudos por mim

orientados, sejam sobre políticas públicas, sejam sobre práticas de esporte no lazer. Isso se evidenciava numa perspectiva de investigação que busca um 'olhar alternativo' sobre os objetos de pesquisa, o qual, a partir de análises em profundidade de um determinado universo cultural, busca oferecer subsídios para – além de compreender as particularidades dos contextos estudados - submeter à prova conceitos anteriormente desenvolvidos, estes sim, estabelecidos no modo da generalização.

Como exemplo dessa posição, desenvolvida num estudo sobre políticas públicas, cito o trabalho de Luis Eduardo Thomassim, intitulado “O público alvo nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos” (2010)⁶⁷. Nesse trabalho, ao invés de ‘avaliar’ um projeto social a partir das propostas dos gestores, o pesquisador passa a tentar entender como a participação de crianças em diversos projetos sociais, se insere na vida dessas mesmas crianças. Buscando compreender as relações de crianças pobres com os projetos sociais esportivos, o estudo se diferenciou de muitos trabalhos sobre a temática das políticas públicas em esporte e lazer: em vez de tentar checar se os projetos atingiam os seus objetivos, buscou-se saber como os participantes destes espaços os significavam, em seu cotidiano e nas suas vidas. E para compreender o sentido de um dos espaços de socialização das crianças (os projetos sociais) era necessário dialogar com outros contextos das suas vivências cotidianas, como a escola, as relações familiares, a vizinhança, as relações em grupos. Tratou-se, assim, de entender ‘os projetos no cotidiano de seus participantes e não dos participantes no cotidiano dos projetos’. Daí se impôs a necessidade de ‘seguir’ as crianças e registrar as suas trajetórias entre esses espaços e numa lógica temporal. Como resultado desse trabalho, Luis colocou em cheque muitos discursos sobre projetos sociais, os quais encontram nessas iniciativas – e mesmo em trabalhos acadêmicos, uma possibilidade ‘real’ de condução de um processo de socialização ‘positiva’ das crianças, o que não leva em conta as diversas ‘socializações’ pelas quais passam os seus frequentadores. Em certa medida isso ocorre pela redução das crianças e jovens pobres à condição de ‘objetos’ de projetos que são conduzidos por empreendimentos externos à realidade social das

⁶⁷ THOMASSIM, Luis Eduardo. **O público alvo nos bastidores da política**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. Tese (Doutorado) Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

crianças. Assim, muitas vezes a ausência de diálogo com o chamado ‘público alvo’ no âmbito de algumas investigações acadêmicas, acaba reproduzindo um preconceito que retira dos ‘pobres’ a condição de sujeitos.

Já no estudo intitulado “‘É lazer, tudo bem, mas é sério’: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol”, Ariane Pacheco (2012)⁶⁸ buscou compreender a dinâmica que atravessava a manutenção de uma equipe máster feminina de voleibol e as negociações que ocorriam no contexto do grupo e num um espaço/tempo reconhecido como ‘de lazer’. Com essa intenção, ela realizou uma pesquisa etnográfica junto a uma equipe de voleibol máster, pensando em problematizar o tema do envelhecimento. Porém, no decorrer do trabalho de campo a pesquisa acabou por tratar das maneiras de apropriação do esporte e do tempo livre por parte das participantes. Após analisar um farto material empírico, chamaram a atenção de Ariane a seriedade com que o grupo investigado tratava aquela atividade de lazer e as formas como as mulheres se relacionavam com o esporte. As suas análises a levaram a compreender que para pertencer à equipe era necessário ter um ‘capital esportivo’ adequado àquele contexto, sendo muito importante ‘saber estar’ entre as participantes para manter-se numa coesa rede de sociabilidade que era orientada por um lazer ‘levado a sério’. Mas, ao mesmo tempo, as brincadeiras coexistiam com as exigências do rendimento esportivo ligado ao esporte ‘de/no lazer’, situação em que as negociações eram recorrentes e borravam as fronteiras entre essas diferentes dimensões do que significaria viver essa prática corporal em situação de lazer. Assim, o trabalho trouxe elementos que permitem colocar em ‘cheque’ algumas formulações sobre o lazer, as quais, em grande medida, o colocam como uma dimensão da vida desassociada de outros elementos da existência das pessoas, as quais, ao que parece, identificam esses tempos/espacos como algo que está ‘entre parênteses’.

Esses são exemplos de como – sob determinados aspectos - vêm sendo conduzidos os trabalhos por mim orientados, os quais, em grande medida, não se distanciam muito dos temas ‘esporte/lazer’ e ‘políticas públicas’. Mesmo assim, de algum tempo para cá alguns trabalhos acabaram por se afastar dessas duas perspectivas iniciais.

⁶⁸PACHECO Ariane. **É lazer, tudo bem, mas é sério**: o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol. Dissertação (Mestrado)- Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Nesse percurso, em determinado momento da nossa trajetória começamos a nos provocar sobre a nossa 'identidade', o que nos levava a perguntar: "quem somos nós?" As respostas para essa questão começaram a surgir quando eu fui convidado a participar de um evento realizado em Montevideu, junto com outros colegas do programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. No evento, a expectativa dos nossos anfitriões era que mostrássemos quem nós éramos, o que fazíamos e que perspectiva de investigação nós vínhamos oferecendo para o universo acadêmico da Educação Física. Foi ali, pela primeira vez, que eu enumerei os trabalhos por nós desenvolvidos até então (dos quais eu havia sido o orientador no PPGCMH) e teci alguns comentários sobre cada um deles. Mesmo que aquele 'ponto de chegada' não tivesse sido planejado, o resultado daquela análise me levou a considerar que eu estava diante de uma continuidade que fazia sentido. Tempos depois (2015), a convite dos editores da Revista Brasileira de Estudos do Lazer, escrevi um texto sobre esse processo e busquei refletir sobre ele⁶⁹, cujo resumo apresento abaixo:

O trabalho, procurando dialogar com a produção relacionada ao esporte e ao lazer, descreve e analisa a trajetória do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), sobretudo com base nas suas investigações etnográficas. São apresentados retratos de caminhos investigativos não planejados, desenvolvidos na interface com a Antropologia. Tais retratos de trabalhos evidenciam pontos de reflexões e contribuições em diferentes frentes: compreensão das práticas de esporte como cultura compartilhada em grupos, isso para além das faltas e privilegiando as apropriações nos contextos de lazers urbanos, constituídos por pessoas comuns; compreensão das práticas de diversão, entre elas as brincadeiras e as esportivas, como espaços de disputas e de negociações não dissociadas da vida cotidiana e, portanto, como universos educativos significativos e imersos em relações de poder; compreensão da polifonia de interesses que permeiam as práticas esportivas, sobretudo aqueles que coexistem 'no lazer', mesmo que pareçam, num primeiro olhar, antagônicos ou ambíguos, dificultando as classificações e entendimentos *a priori*; e compreensão das experiências de esporte e de lazer na vida dos atores sociais em ação, como questões sociais que se articulam com a política, com a educação, com a violência, com o trabalho. Por fim, o texto enfatiza que não se trata de propor um fechamento das discussões, mas de trazer elementos que possam colaborar na compreensão, tendo em vista, especialmente, a intervenção nesses campos do esporte e do lazer

Pautado pelo interesse do periódico, nesse texto o foco da minha análise foi em torno dos trabalhos etnográficos sobre esporte, lazer e políticas públicas, que era

⁶⁹STIGGER, M. P. Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF): uma trajetória meio-biográfica em diálogo com estudos do lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 35-48, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/2786>>.

o que havíamos fundamentalmente realizado até o momento. No artigo eu apresentei um percurso investigativo do GESEF e, utilizando alguns trabalhos como exemplos, discorri sobre o que considerava ter sido o nosso processo de evolução.

Mas como já adiantei, em tempos posteriores o GESEF e as minhas orientações no PPGCMH passaram a ter também outras preocupações. Novamente sem planejar, conduzido por curiosidades advindas da realidade social, as quais também vinham à tona no meu processo de formação pessoal, em certo momento surgiram interesses diferentes, os quais eu tenho chamado de ‘Temas Polêmicos’ e suas relações com a Educação Física. Fazem parte desse conjunto de trabalhos, os que estão relacionados abaixo, alguns concluídos e outros em andamento:

- Flávio Py Mariante Neto desenvolveu uma leitura ‘Elisiana’ sobre o MMA (estudo concluído em 2016);
- Raquel da Silveira realizou uma ‘Etnografia de Laboratório’, onde se debruçou sobre as diferentes ontologias científicas da Educação Física (concluído em 2016);
- Maitê Venuto de Freitas buscou conhecer o processo de participação das crianças no esporte de alto rendimento, tendo como foco principal o ponto de vista das crianças (conclusão em 2015);
- Daniel Giordani Vasques vem estudando o doping no esporte a partir de uma olhar sociológico, buscando conhecer as associações entre diferentes atores na construção da antidopagem esportiva (em andamento);
- Ariane Pacheco está estudando o ‘talento esportivo’, vendo-o menos como algo que se materializa numa pessoa, e mais como uma ‘noção’ que circula e movimenta o contexto esportivo (em andamento);
- Maitê Venuto de Freitas, dando continuidade ao que estudou no mestrado, atualmente se preocupa com as crianças que estiveram envolvidas no alto-rendimento, mas que, por diferentes razões acabaram por dele se afastar (em andamento).

Tenho dúvidas sobre essa forma de nomear esses trabalhos, mas com esse ‘título’ (“Temas Polêmicos”) busco expressar um conjunto de temas que, se não foram pouco estudados na Educação Física Brasileira, foram investigados com perspectivas de pesquisa e com os olhares diferentes dos quais nós estamos nos sustentado. De qualquer forma são temas que – pela sua relevância em termos

sociais – merecem a nossa atenção. E mesmo que a maior parte deles trate de temas associados ao esporte, não há, nesses casos, vínculo com o tema ‘lazer’.

Dando sequência à apresentação dos trabalhos de Mestrado e Doutorado que ocorreram sob a minha condução, é relevante destacar que, desde a minha inserção no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano eu desenvolvi e venho desenvolvendo um conjunto significativo de orientações, perfazendo um total de 36 alunos (listagem em anexo)⁷⁰:

- 21 dissertações de Mestrado concluídas;
- 02 dissertações de Mestrado em andamento;
- 08 teses de Doutorado concluídas (uma delas como co-orientação);
- 05 teses de Doutorado em andamento.

No que se refere ao ‘perfil’ desses estudantes, eles apresentam/apresentaram diversas trajetórias nas suas relações com o orientador e com o GESEF, o que pode ser ‘tipificado’ por diferentes formas de participação, o que vai ser apresentado, no quadro a seguir, exemplificando com alguns casos.

Quadro 1 - Perfil dos Estudantes e participação no GESEF

NOME	INICIAÇÃO CIENTÍFICA	TCC	MESTRADO	DOUTORADO
Ariane Pacheco			sim	Sim
Silvia Bauler	não	não	sim	Não
Marcelo Rampazzo	não	não	sim	Não
Mauro Myskiw	não	não	não	Sim
Fernando Gonzáles	não	não	não	Sim
Leandro Forell	não	não	sim	Sim
Maitê V. de Freitas	sim	sim	sim	Sim
Raquel da Silveira	sim	sim	sim	Sim
Luis E. Thomassim	sim	sim	sim	Sim
Flávio MarianteNeto	não	sim	sim	Sim

Fonte: autor

⁷⁰ Afora os estudos vinculados à Pós-Graduação, fazem parte da lista em anexo também as orientações de trabalhos de conclusão de curso de graduação, esses que perfazem 36 trabalhos.

Como pode ser identificado, alguns alunos realizaram/realizam uma ‘carreira’ dentro do GESEF, se mantendo no Grupo desde a Iniciação Científica e/ou realização do TCC, até a formação no Doutorado, perfazendo um período que excede os 8 anos de frequência no Grupo. Há outros que iniciam no Mestrado e se mantêm no Doutorado, ficando no coletivo por pelo menos 6 anos. Essas informações chamam atenção para um aspecto que vem fortalecendo o GESEF, que é continuidade da presença de estudantes, o que favorece um sentimento de pertencimento ao coletivo e ainda a manutenção da ‘cultura acadêmica’ do Grupo.

Outro aspecto que me parece relevante é o fato de que, dentre os alunos por mim orientados, há 07 estudantes egressos da Pós-Graduação na UFRGS e da sua participação no GESEF, os quais conseguiram se manter no universo acadêmico, tendo ingressado no ensino universitário, na condição de docentes. Apresento abaixo um quadro listando essas pessoas e identificando o seu local de trabalho atual – alguns ingressaram no ensino superior já na condição de ‘doutores’, outros ainda como ‘mestres’.

Quadro 2 - Estudantes Egressos e localizações atuais

NOME	CONCLUSÃO MESTRADO/DOCTORADO	LOCAL DE TRABALHO ATUAL
Billy Graeff	2006 - Mestrado	Universidade Federal de Rio Grande - FURG
Flávio Mariante Neto	2016 - Doutorado	Universidade Luterana do Brasil - ULBRA
Ileana Wenez	2012 - Doutorado	Universidade Federal do Espírito Santo- UFES
Leandro Forell	2014 - Doutorado	Universidade do Estado do Rio Grande do Sul - UERGS
Luis Eduardo Thomassim	2010 - Doutorado	Universidade Federal do Paraná - UFPR
Mauro Myskiw	2012 - Doutorado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Raquel da Silveira	2016 - Doutorado	Universidade Federal de Rio Grande - FURG

Fonte: autor

Esse aspecto também me parece relevante, pois – em certa medida - demonstra a capacidade que tem o PPGCMH, os grupos de pesquisa e mesmo o orientador, de contribuir para uma boa formação dos estudantes, com vistas a qualificá-los para a sua inserção no campo de trabalho, em especial no que se refere a sua continuidade na vida universitária. Destaco que dentre os critérios de

avaliação da CAPES, relativos aos programas de Pós-Graduação, está expressa a preocupação com os egressos, tanto na análise das propostas dos programas, quanto no tópico afeto à capacidade de ‘inserção social’ desses estudantes. Se houver concordância com esse critério, talvez se possa dizer que a dinâmica desenvolvida pelo GESEF tem sido capaz de contribuir nessa direção.

Por manter essa dinâmica entre PPGCMH e GESEF aqui exposta, eu tenho conseguido alimentar, de forma individual e/ou junto com esses estudantes, uma regularidade no que se refere à produção científica, conforme expressam os números abaixo (listagem em anexo):

- 43 artigos publicados em periódicos;
- 15 capítulos de livros;
- 2 livros publicados individualmente;
- 03 livros publicados como organizador.

Desses trabalhos, mesmo já referidos nesse memorial, alguns merecem destaque e breves comentários, o que está disponível nos quadros a seguir:

Quadro 3 - Trabalhos/Livros a destacar

TÍTULO - LIVRO	ANO	COMENTÁRIO
Educação Física+Humanas	2015	Livro constituído por vários autores brasileiros, cujos textos questionam aspectos atuais relativos à produção do conhecimento em Educação Física, no Brasil.
Educação Física, Esporte e Diversidade	2005 2011	Livro que teve duas edições, perfazendo um total de 8.000 unidades; segundo o Google Acadêmico, o livro já motivou 79 citações.
Esporte de Rendimento e Esporte na Escola	2009	Obra produzida por um coletivo de professores bastante reconhecidos, e trata de um tema relevante para a Educação Física Escolar.
Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos	2007	Obra coletiva acerca de etnografias sobre esporte e lazer em espaços urbanos, que é fruto do trabalho dos estudantes e dos egressos do GESEF.
Esporte, Lazer e Estilos de Vida - um estudo etnográfico	2002	Livro oriundo da tese de doutorado, cujo teor vem conduzindo muitos da produção do GESEF; segundo o Google Acadêmico, o trabalho já motivou 161 citações.

Fonte: autor

Quadro 4 - Trabalhos/Artigos a destacar

TÍTULO - ARTIGO	ANO	COMENTÁRIO
La diversité culturelle du sport en tant que pratique de loisir : quelques éléments pour sa compréhension à partir de la recherche ethnographique. Loisir et société, Montreal.	2005	Artigo publicado numa revista canadense, o texto sintetiza aspectos importantes da Tese de Doutorado e põe em relevo uma avaliação internacional do trabalho.
Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na Revista Movimento. Revista Brasileira de Ciências do Esporte.	2014	Artigo que trata das experiências do ofício de Editor da Revista Movimento, e trás consigo um olhar social sobre a Ciência.
Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF): uma trajetória meio-biográfica em diálogo com estudos do lazer. Revista Brasileira de Estudos do Lazer.	2015	O trabalho apresenta a trajetória do GESEF e oferece elementos para a compreensão sobre estudos etnográficos no lazer.

Fonte: autor

Quadro 5 - Trabalhos/Capítulos de Livros a destacar

TÍTULO –CAPÍTULO	ANO	COMENTÁRIO
O processo de avaliação da pós-graduação em educação física e ciências do esporte no Brasil e algumas das suas repercussões cotidianas.	2015	Capítulo de livro que trata da avaliação da Pós-Graduação, um tema candente na Educação Física Brasileira
O lazer entre a contedização e a compreensão: olhares das subáreas da educação física.	2015	Capítulo de livro que debate as diferenças de tratamento do tema lazer, por distintas subáreas da Educação Física
Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. Sobre a reapropriação do esporte no contexto escolar: pensando em possibilidades a partir de uma mudança de foco.	2009	Trata-se de dois artigos complementares, publicados no mesmo livro, que focam o tema 'esporte na/da escola', um assunto caro para a Educação Física Brasileira.

Fonte: autor

São esses aspectos que me mantêm como Professor Permanente no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, já há 16 anos. Vale sublinhar que o PPGCMH tem conceito '5' no sistema CAPES da Pós-Graduação e, em que pesem todas as exigências feitas para professores de programas que atingem essa avaliação, eu tenho me sustentado no sistema de forma relativamente confortável.

Com essas informações, encaminho para o encerramento do tópico relativo ao GESEF e à Pós-Graduação. Antes disso, porém, apresentarei abaixo uma lista de projetos por mim desenvolvidos, os quais foram contemplados recursos obtidos de diferentes instituições de fomento (auxílios e bolsas), isso desde o momento que retornei do Doutorado em Portugal.

Quadro 6 - Auxílios e Bolsas

AUXILIO	INSTITUIÇÃO	ANO
Auxílio Recém Doutor – Projeto Esporte na Cidade	FAPERGS	2001
Projeto Políticas de Promoção da Saúde na Gestão do Lazer em Porto Alegre	Ministério do Esporte	2007
Projeto Lazer, Educação e Infância	CNPq	2008
Projeto Mapa da distribuição das práticas sociais vinculadas ao universo da cultura corporal de movimento no tempo livre em Porto Alegre	Ministério do Esporte	2010
Pós Doutorado no Exterior	CNPq	2012
Projeto Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da REDE CEDES do Rio Grande do Sul	Ministério do Esporte	2015
Contribuições para Avaliação de Políticas Anti Dopagem	UNESCO - Université Paris Ouest Nanterre La Défense	2015

Fonte: autor

7 OUTROS ENVOLVIMENTOS – CARGOS, PARTICIPAÇÕES, ETC

Já encaminhando para a finalização desse memorial, faço ainda referência, mesmo que de forma resumida acerca de algumas outras situações e envolvimento dos quais participei na minha trajetória profissional. Por considerar que essas experiências têm relevância e com a expectativa de elas não sejam ignoradas por nesse documento, eu as apresento dessa maneira, e nesse momento, tendo em vista que não consegui inseri-las em outro ponto do memorial.

7.1 CARGOS E FUNÇÕES ACADÊMICO-PROFISSIONAIS

- Chefe do Departamento de Educação Física/UFRGS
 - Período: 21/12/2009 a 15/08/2011.
- Coordenador da Comissão de Pesquisa da Escola de Educação Física/UFRGS
 - Período: 2002 a 2006.
- Membro da Comissão Coordenadora do PPGCMH/UFRGS.
 - Períodos: 2002/2004 – 2004/2006 – 2015/2016.
- Membro do Comitê de Ética em Pesquisa/UFRGS.
 - Período: 14/10/2013 a 23/05/2015.

7.2 VÍNCULOS COM ENTIDADES E MOVIMENTOS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA

- Diretor Científico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte/CBCE.
 - Período: 2003-2005.
- Coordenador do GTT Lazer e Sociedade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte/CBCE.
 - Período: 2008-2009.
- Coordenador do Encontro de Pesquisadores da Subárea Sociocultural/Pedagógica no Contexto da Pós-Graduação da Educação Física Brasileira.
 - Período: 01 a 03/06/2016 (UFRGS).
- Coordenador do Encontro de Pesquisadores da Subárea Sociocultural/Pedagógica no Contexto da Pós-Graduação da Educação Física Brasileira.
 - Período: 22 a 24/04/2015 (UFPR).

- Coordenador do Projeto Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da REDE CEDES do Rio Grande do Sul, projeto que tem a participação de 5 universidades gaúchas, lideradas pela UFRGS: UFPEL; UFSM; UERGS; UNISINOS.
 - Período: 2015 – atual.

- Participante na pesquisa e produção textual do Relatório do Desenvolvimento Humano Nacional sobre Atividades Físicas e Esportivas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD).
 - Período: junho de 2016 a maio de 2017.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que concluo esse documento, me deparo com o desafio de responder às perguntas apresentadas no início desse texto e a argumentar que estou habilitado a assumir o 'lugar' de Professor Titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma tarefa difícil por diferentes razões.

Por um lado, essa tarefa me leva a sentir um certo constrangimento, na medida em que ela exige que eu sustente, num diálogo com meus pares, um conjunto de relatos e alegações em minha própria defesa. Numa outra direção, reconheço que após a conclusão desse trabalho e ao 'olhar para trás', eu experimentei uma satisfação interior ao relembrar muitas passagens da vida pessoal/profissional, o que me levou a viver um sentimento de 'missão cumprida'.

São sensações contraditórias, mas é assim que eu me percebo, aos quase 62 anos de idade, 37 de serviço público federal e 24 de atuação como docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É isso que eu sinto ao recordar tarefas, realizações e, em especial, as pessoas com as quais interagi e compartilhei a importante missão de contribuir para o desenvolvimento de uma universidade pública de qualidade, identificada por mim como um direito de todos os brasileiros, mas, hoje, em dias obscuros, passando por um momento em está sendo bastante ameaçada. Afora expressar esses sentimentos, passo agora a sintetizar e analisar alguns dos aspectos sobre os quais escrevi nesse memorial, o que – em certa medida - será orientado pelas minhas perguntas iniciais e por aquilo que está previsto no Edital.

Iniciei esse memorial relatando que, na infância e na juventude, eu tive uma vida esportiva bastante rica, tanto 'na rua', quanto no contexto escolar. No que se refere ao contexto escolar, um espaço de socialização particular sistematizada, desde cedo me foram oferecidas experiências 'esportivas' diversas, as quais me aguçaram o 'gosto' pelo esporte e pelas práticas corporais em geral. Independente de como isso ocorreu em termos pedagógicos, não tenho dúvidas de que foi especialmente no Colégio Farroupilha que passei a ver no esporte um espaço de realização pessoal.

Foi dessa forma que, já na escola, o handebol adentrou na minha vida, envolvimento com o qual dei sequência na vida universitária, onde fui atleta, treinador de equipes femininas da modalidade e também monitor nas aulas de

graduação. Foram essas experiências universitárias e o seu reconhecimento por parte de pessoas ligadas à Educação Física, que me levaram a ser convidado para trabalhar no Território Federal de Rondônia, onde, como servidor público federal, tive a oportunidade de atuar em várias atividades vinculadas ao handebol. Foi através da experiência nessa modalidade esportiva que eu ingressei na ESEF/UFRGS na condição de professor.

Mas antes disso e após cinco anos vivendo em Porto Velho, retornei a Porto Alegre, via processo de redistribuição de servidor público federal. Em 1985 eu ingressei na UFRGS, sendo lotado no Centro Olímpico. Naquele local também passei por diferentes experiências, mas por conta das especificidades da minha posição profissional no momento, acabei por me aproximar da área da gestão. Essa aproximação me conduziu a buscar formação em Mestrado em Educação Física na Universidade Gama Filho, na área de concentração “Administração Esportiva”.

Naquela Universidade eu encontrei um excelente ‘clima’ acadêmico e me interessei pela Administração Participativa, assunto que orientou a minha dissertação de Mestrado, e a realizar um estudo sobre as políticas públicas para o lazer realizadas em Porto Alegre. A conclusão do Mestrado e a publicação de um artigo que daí resultou, pode representar uma primeira etapa da minha inserção na vida acadêmica, na medida em que, a partir daquele momento eu passei a circular por esse universo e a entender a sua ‘lógica’.

Contudo, a realização da dissertação não me levou apenas a tratar do seu tema específico, mas me colocou em contato com grupos de pessoas que, de maneira auto-organizada, praticavam o esporte em espaços públicos da cidade, uma diversidade de atividades que me chamou a atenção. Desse momento em diante me interessei pelos estudos do esporte praticado ‘no lazer’, pelas dinâmicas sociais que eu percebia nesses espaços/tempos e pela forma como essa prática social – em diferentes perspectivas – se inseria na vida das pessoas.

O fato era que eu percebia que o esporte ‘fazia sentido’ para as ‘pessoas comuns’, essas que o inseriam nas suas vidas e investiam muito para se manter entre grupos de praticantes, enquanto atividade de/no lazer. Como entender essas dinâmicas e como interpretar o esporte que eu identificava sendo praticado numa diversidade de formas e em diferentes situações, me provocava curiosidade, em especial quando eu as cotejava com distintas interpretações acadêmicas que circulavam no contexto universitário da Educação Física. Surgiram, então, as

primeiras intuições que me ajudaram a formular um problema de investigação, o que já foi referido em páginas anteriores. Acabei, então, encontrando no âmbito da Antropologia a perspectiva de investigação que me ajudaria a responder às perguntas que eu me fazia.

As respostas para essas curiosidades foram encontradas no processo de formação no Doutorado, onde acredito que dei um passo fundamental para me constituir pesquisador. Digo isso porque realizei um estudo que – acredito - teve significativa repercussão junto à comunidade acadêmica da Educação Física. Mas também entendo dessa forma pelo fato de que essa formação me permitiu galgar um espaço na Pós-Graduação em Educação Física, o que fez com que, no processo de orientação de estudantes, eu efetivamente me fizesse ‘Doutor’. Mas outras atividades, experiências e acontecimentos foram me constituindo como um indivíduo e como um professor universitário que pretende ascender à condição de Professor Titular numa universidade pública.

Dentre elas, uma a ser destacada foi a minha participação na Revista Movimento. Em páginas precedentes eu dizia que “se eu ofereci alguma contribuição para a Educação Física Brasileira, foi ter protagonizado o surgimento da Revista Movimento e durante toda a sua existência, junto com outros colegas, ter contribuído para a sua continuidade”. Olhando para o passado, lembrando as dificuldades e o esforço coletivo para manter esse periódico em atividade e refletindo sobre o resultado que alcançamos em termos da difusão do conhecimento, me leva a acreditar que o que eu disse acima faz algum sentido. Mas faço essa consideração também por ter clareza sobre a importância da Revista Movimento para a sobrevivência da subárea sociocultural-pedagógica no contexto da Pós-Graduação e, decorrente disso, para o que se refere à contribuição dos conhecimentos advindos dessa dimensão da Educação Física para formação inicial na área de conhecimento e intervenção. Foi pensando nisso que referi anteriormente que a Movimento não é apenas um periódico que publica artigos, mas uma revista que se constituiu, desde as suas origens, como um ‘agente’ no contexto da Educação Física Brasileira.

Assim como me referi à agência que atribuo à Revista Movimento, faço algumas considerações acerca da minha participação na política acadêmica da Pós-Graduação, a qual nomeei, anteriormente, como ‘um campo de lutas’ que fez/faz parte das minhas “funções e tarefas acadêmico-administrativas”. Me refiro aqui aos movimentos, pessoais e coletivos, que ocorrem tanto no âmbito interno da UFRGS,

quanto no seu exterior, os quais, juntamente com muitos colegas de todo o Brasil, protagonizei em defesa de uma determinada perspectiva de pensar a Pós-Graduação e a própria Educação Física. Chamo atenção que, sobre esse assunto, eu não só me envolvi em atividades atreladas a essa dimensão política da Pós-Graduação em Educação Física, como tive a preocupação de tratá-la academicamente, pesquisando sobre ela e produzindo publicações e trabalhos que foram apresentados em eventos. Além disso, estimei uma das minhas orientandas a desenvolver uma tese sobre o tema, tendo como abordagem os Estudos sociais da Ciência.

Essas atividades recém relatadas me levam a crer que no decorrer da minha trajetória profissional eu acabei por merecer o reconhecimento dos meus pares, em especial daqueles vinculados às subáreas sociocultural-pedagógica da Educação Física Brasileira. Também acredito que, em alguma medida e pela recorrente presença e contribuições em espaços acadêmicos relevantes, eu tive alguma influência e exerci alguma liderança nesse contexto. Dentre essas atividades, estão os livros dos quais fui organizador, situação na qual fui capaz de mobilizar acadêmicos brasileiros bastante reconhecidos no contexto da Educação Física, os quais atenderam ao meu chamamento e ofereceram as suas contribuições.

Mas além do que já referi acerca de liderança acadêmica, destaco especificamente as funções exercidas junto ao CBCE (Diretor Científico e Coordenador de GTT), a minha participação na Coordenação de Fóruns da Pós-Graduação, a recente participação na elaboração do Relatório do Desenvolvimento Humano Nacional sobre Atividades Físicas e Esportivas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD) e ainda, a minha posição atual de Coordenador do Projeto Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da REDE CEDES do Rio Grande do Sul.

Todas essas atividades, em grande medida, estão também associadas à produção de conhecimento e à formação de pessoas, sendo ambas atividades fins da vida universitária e, no meu caso, fundamentalmente ligadas à minha liderança junto ao GESEF e à minha participação no PPGCMH/UFRGS, já há 16 anos. No que tange à produção de conhecimento, logo ao retornar do Doutorado desenvolvi uma linha de investigação que vem conduzindo um conjunto de trabalhos por mim orientados. As informações já apresentadas no decorrer desse texto demonstram que eu fui responsável pela orientação de um número relevante de dissertação e

teses, assim como disponibilizei à comunidade científica – muitas vezes associado a outras pessoas – um conjunto significativo de produção textual resultante de pesquisas científicas, o que está materializado em artigos, capítulos de livros e também em livros, ora editados individualmente, ora em coletâneas por mim organizadas.

Acerca da formação de pessoas, para além das atividades na Graduação, onde sempre ministrei disciplinas e orientei muitos trabalhos de conclusão de curso, fui responsável pela formação de um número elevado de mestres e doutores, dentre os quais, em torno de 20% adentraram no ensino universitário e hoje atuam na formação de pessoas em nível de graduação. Sobre esse último aspecto, sublinho que a descentralização do conhecimento, materializada na ‘formação de formadores’ é algo desejável e valorizado no universo da Pós-Graduação.

Mas nessa trajetória eu também assumi diferentes atividades acadêmico-administrativas, como a Chefia do Departamento de Educação Física da ESEF/UFRGS, a Coordenação da Comissão de Pesquisa da ESEF/UFRGS, a participação como membro da Comissão Coordenadora do PPGCMH/UFRGS e ainda membro do Comitê de Ética em Pesquisa/UFRGS. Essas funções me ofereceram experiências relevantes e contribuíram para me consolidar como um professor universitário que sempre viveu plenamente a vida da instituição. Isso se materializou e é possível de ser identificado nas atividades que foram trazidas para esse memorial, mas também em outras, aqui não referidas, por conta dos limites de um texto dessa natureza – essas últimas podem ser encontradas no Relatório de Atividades Docentes, onde se identifica a minha atuação em outras funções e mesmo tarefas pontuais, também relacionadas ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão.

Com base nesse relato, sou levado a considerar que nesses 24 anos de docência na UFRGS, fui capaz de desenvolver uma carreira bastante consistente e conseqüente, sempre pautada pelo interesse público e pelo esforço no sentido de contribuir para o desenvolvimento de uma universidade pública e de qualidade. Como eu disse no início dessas últimas considerações, ao olhar pelo retrovisor tenho um sentimento de ter cumprido a árdua, honrosa e nem sempre reconhecida, tarefa de ser professor. Mas ao rever o passado eu também sinto – não sem emoção - a felicidade de ter feito parte do quadro docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição a quem sou grato pelas oportunidades que pude experimentar.

Por razões como essas, encerrando esse memorial e respondendo à pergunta feita no início dessa narrativa, acredito que a minha trajetória me habilita a ascender ao lugar de Professor Titular na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Finalizo agradecendo a todas as instituições e pessoas que direta ou indiretamente participaram do processo que constituiu a minha vida profissional, o me trouxe até o lugar aonde cheguei. Dentre eles sublinho um agradecimento aos meus alunos por fazerem de mim um professor.

ANEXO A - ORIENTAÇÕES

Orientações e supervisões em andamento

Dissertação de mestrado

Diego Nunes Moresco da Rosa. Dos Festejos Aos Palcos: trajetos etnográficos na Dança Tradicional Gaúcha. Início: 2016.

Flávia Regina Tavares Nunes Bielawski. Práticas de lazer e saúde no envelhecimento: um estudo a partir das vivências de idosos. Início: 2016.

Tese de doutorado

Daniel Giordani Vasques. Práticas Esportivizadas: códigos, interesses e conflitos nas transformações. Início: 2014.

Ariane Pacheco. (Re)Pensando antigos dualismos: o esporte na intersecção entre natureza e cultura. Início: 2013.

Luis Felipe Silveira. As mobilizações e participações populares nas Políticas e na Gestão Pública de Esporte e de Lazer na cidade de Porto Alegre. Início: 2016.

Cristiano Neves da Rosa. Esportes, lazer e políticas públicas: uma análise a partir da noção antropológica de infraestrutura. Início: 2015.

Maitê Venuto de Freitas. A criança atleta no cenário do 'abandono' esportivo: sobre processos e percursos. Início: 2013.

Orientações e supervisões concluídas

Dissertação de mestrado

Mariane Goettert Martins. Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: uma abordagem sócio-histórica (1993-2014). 2016.

Maitê Venuto de Freitas. A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do 'como deve ser'. 2015.

Jaqueline Kempp. As práticas esportivas no Programa Mais Educação. 2014.

Túlio Mateus Zambelli. Significados da natação para praticantes Máster da cidade de Porto Alegre/RS: um estudo etnográfico. 2014.

André Lazzari. A heterogeneidade de significados da prática futebolística num programa social esportivo: possibilidades de articulações e de sustentação do programa?. 2013.

Ariane Correa Pacheco. "É lazer, tudo bem, mas é sério": o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol. 2012.

Marcelo Rampazzo. Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico. 2012.

Ariane Silveira Dias Zabaleta. Velhice e lazer: um olhar etnográfico para idosos em um projeto de lazer. 2012.

Flávio Py Mariante. Da academia de boxe ao boxe de academia: um estudo etnográfico. 2010.

Leandro Forell. Trabalho voluntário em projetos sociais esportivos: uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS. 2009.

Raquel da Silveira. Esporte, homossexualidade e amizade: um estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008.

Mari Simoni Bassani Fahl. Bullying no recreio escolar e nas aulas de educação física. 2008.

Letícia Prezzi Fernandes. Nas trilhas da família? como e o que um serviço de educação social de rua ensina sobre relações familiares. 2008.

Júlio César Bueno Perciúncula. "Eles vêm pra cá para se proteger..."? O governo das crianças no programa SASE do Vila Centro Humanístico em Porto Alegre/RS. 2007

Rafhael Loureiro Borges. Corrida de Aventura e Risco: um estudo etnográfico. 2007.

Carlos Fabre Miranda. Como se vive do atletismo: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas. 2007.

Fernando Bruno Rieth. Jogos intermunicipais do rio grande do sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. 2006.

Billy Graeff Bastos. Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas patrocinados: da "vizinhança ao corre". 2006.

Ileana Wenez. Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio. 2005.

Ana Cecília de Carvalho Reckziegel. Dança de Rua: Lazer e Cultura Jovem na Restinga. 2005.

Sílvia Regina Godinho Bauler. O Futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana. 2005.

Tese de doutorado

Flávio Py Mariante Neto. Jabs, diretos, low kicks e duble lags no processo civilizador: uma leitura elisiana das artes marciais mistas. 2016.

Raquel da Silveira. Vivendo as ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física. 2016.

Leandro Forell. Participando na cidade: um estudo etnográfico sobre a participação em Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Parque Ararigóia em Porto Alegre/RS. 2014.

Ileana Wenez. Brincadeiras de crianças: corpos marcados pelo gênero e pela sexualidade. 2012.

Mauro Myskiw. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012.

Fernando Jaime González. Bases sociais das disposições para o envolvimento em práticas de movimento corporal no tempo livre. 2010.

Luis Eduardo Cunha Thomassim. O público alvo nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010.

Lauro Inácio Ely. As Parcerias na Gestão do Desporto - um estudo a partir do Programa Escolinhas Integradas/UNISINOS. 2006.

Trabalhos de conclusão de curso de graduação (concluídos)

Artur Goulart Berger. O futebol em Ijuí :uma análise das relações entre a cidade e o Esporte Clube São Luiz. 2014.

Mariane Goettert Martins. Veteranos do Ararigóia : 50 anos de história. 2014.

Eduardo Hauser. Câmbio: uma visão etnográfica sobre a prática esportiva adaptada para idosos, pautada pela competição. 2013.

Larissa de Moraes Gonzaga. Uma experiência no projeto social esportivo Meninos da Vila: revendo conceitos. 2013.

Isabel de Farias Flor. Associação Comunitária do parque Ararigóia :uma história de protagonismo no âmbito do lazer na cidade de Porto Alegre. 2012.

Fabiano Feijó de Carvalho. Futebol de várzea :uma opção de lazer. 2012.

Maitê Venuto de Freitas. As brincadeiras nas aulas de educação física e seus significados para as crianças. 2012.

Elisângela dos Reis. O Projeto de extensão da EsEf/UFRGS "Viver faz a diferença": um relato de experiência. 2011.

Cintia Mariano da Rosa. Corpo espetáculo circence, uma prática tradicional popular. 2010.

Ana Rosa Silveira da Silva. O basquete em cadeiras de rodas: para além da quadra. 2010.

Cristiano Hoppe Navarro. Parkour, a "arte do deslocamento": a experiência de Porto Alegre. 2010.

Rose Bergmann Goulart. Identidade gaúcha, jogo da tava e lazer no CTG Seiva Nativa. 2009.

Josias Góis Soares. O basquete de rua e a cultura hip hop. 2009.

André Lazzari. A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis. 2009.

Vinício Renner Koppe. O kung fu tradicional e o wushu moderno. 2009.

Rose Bergmann Goulart. Identidade gaúcha, jogo da tava e lazer no CGT Seiva Nativa. 2009.

Carolina Buchmann. Os significados de torcer para integrantes do núcleo de mulheres gremistas. 2009.

Shin Pinto Nishimura. Lazer e Trabalho na Periferia: Articulações de Possibilidades. 2008.

Michele Caroline Schneider. O baile na terceira idade: um espaço de lazer e sociabilidade. 2008.

Fabiane Michel. Os significados que o projeto de basquete no ginásio do Nili tem para seus participantes: uma jornada reflexiva. 2008.

Marcos Daou. Ressonâncias Discursivas: a naturalização do ciborgue no futebol profissional na contemporaneidade pela mídia impressa esportiva. 2006.

Rossane Trindade Wizer. Infância e lazer no contexto do Programa Escola Aberta: uma investigação na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima. 2006.

João Évertom Lemos Rodrigues. Quais as caras do corpo? Um estudo sobre o corpo na revista Caras. 2005.

Aline Mendes da Rocha. Mulheres praticantes de futebol participativo. 2005.

Cláudio André Castro Martins. Os valores culturais, o prazer pela participação e a competitividade nos diferentes âmbitos da prática do judô. 2005.

Jaqueline Resendo Carneiro. A educação intercultural e o protagonismo juvenil na educação física escolar: um estudo etnográfico. 2005.

Thais de Farias Oppitz. Atividade de Aventura: a produção do conhecimento nos CONBRACE de 2001, 2003 e 2005. 2005.

David Sinhoreli. O personal trainer e sua intervenção profissional. 2005.

Raquel da Silveira. Atividades de lazer e envelhecimento: um estudo etnográfico na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria - SOERAL. 2004.

Carolina de Campos Derós. Corrida de Rua: esporte e lazer nos parques de Porto Alegre. 2004.

Daniel Kráz Carrazzoni. Os Discurso Corporais Inseridos no Desenhos Animados. 2004.

Calinca Boniatti. A mulher no Surf. 2004.

Luis Eduardo Thomassim. A trajetória do Projeto Vivências Comunitária em Educação Física e algumas reflexões. 2004.

Thaís Rodrigues Almeida. Representações sociais das mulheres praticantes de Jiu Jitsu: primeiras aproximações. 2004.

Julio Cezar do Santos Ramos. Relação entre padrão estético corporal do personal trainer e o conhecimento técnico na perspectiva do aluno. 2003.

Vera Cristina Weiss. Atividades Desenvolvidas nos Momentos de Não-Trabalho. Uma Relação com a Prática do Lazer e a sua Repercussão na Vida Pessoal e Profissional dos Funcionários da Justiça do Trabalho. 2002.

ANEXO B – PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Artigos completos publicados em periódicos

FORELL, L.;STIGGER, M. P.Gestão e democracia: um estudo etnográfico sobre a apropriação das políticas públicas de esporte e lazer no Parque Araribóia em Porto Alegre/RS.**Licere**,Belo Horizonte, v. 19, p. 168-198, 2016.

PACHECO, A.;STIGGER, M. P. ?É lazer, tudo bem, mas é sério?: notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. **Movimento**,Porto Alegre, v. 22, p. 129-142, 2016.

FREITAS, Maitê Venuto de;Stigger, Marco Paulo. Brincadeiras nas aulas de Educação Física e seus significados para as crianças. **Motrivivência**,Florianópolis, v. 27, p. 1, 2015.

HAUSER, E.;SILVEIRA, R.;STIGGER, M. P. Câmbio: um estudo etnográfico sobre a prática esportiva adaptada para idosos, pautada pela competição.**Licere**, Belo Horizonte, v. 18, p. 49-70, 2015.

MYSKIW, M.; MARIANTE, F. P.;STIGGER, M. P.Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o 'guri' e o 'nego véio' da várzea. **Movimento**,Porto Alegre, v. 21, p. 889-902, 2015.

STIGGER. M.P. Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF): uma trajetória meio-biográfica em diálogo com estudos do lazer.**Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 35-48, set./dez. 2015.

STIGGER, M. P.;FRAGA, A. B.; MOLINA, V. Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na Revista Movimento.**Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 790-801, 2014.

GHIGGI, M.;SILVA, M. R. S.;STIGGER, M. P.;MARIN, E. C.;RIGO, L. C. Liga de Veteranos do Rio Grande: Formas de Lazer e Singularidades Futebolísticas. **Licere** Belo Horizonte, v. 17, p. 85-122, 2014.

MYSKIW, M.;STIGGER, M. P. Lazer e identidades: retratos etnográficos num circuito de futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, p. 68-84, 2014.

MYSKIW, M.; PACHECO, A.;STIGGER, M. P. Aqui é a várzea: reflexões sobre a constituição de um circuito de lazer na/da cidade de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 5711-5724, 2014.

MYSKIW, M.; MARIANTE, F. P.;STIGGER, M. P. Estranhando as necessidades da pesquisa: reflexões sobre os posicionamentos de quem escreve sobre a cultura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 5297-5309, 2014.

MYSKIW, M.;STIGGER, M. P. O futebol de várzea é uma várzea? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**,Porto Alegre, v. 20, p. 445-469, 2014.

SILVEIRA, R.;STIGGER, M. P.Jogando com as feminilidades: estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, p. 79-94, 2013.

STIGGER, M.P.;THOMASSIM, L. E. Entre o 'Serve' e o 'Significa': Uma Análise sobre Expectativas Atribuídas ao Esporte em Projetos Sociais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, p. 1-33, 2013.

WENETZ, I.;STIGGER, M. P.;MEYER, D. E.A (des)construção do gênero e sexualidade no recreio escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, p. 115-126, 2013.

MARIANTE NETO, F. P.;MYSKIW, M.;STIGGER, M. P. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, p. 103-123, 2012.

MARIANTE NETO, F. P.;STIGGER, M. P. Reflexividade na pesquisa etnográfica e as suas relações com a prática pedagógica de um professor de boxe. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, p. 8, 2011.

STIGGER, M. P.;SILVEIRA, R. Ocio y homosexualidad: un estudio etnográfico sobre el asociativismo deportivo de mujeres, en el contexto de un deporte dicho masculino. **Polis**,Santiago,v. 9, p. 26, 2010.

GOELLNER, S. V.; REPPOLD, A. R.;FRAGA, A. B.; MAZZO, J.;MOLINA NETO, V.;STIGGER, M. P.Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**,Maringá, v. 21/3, p. 53-82, 2010.

STIGGER, M. P.; MELATI, F.;MAZO, J. Z. Parque Farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**,Maringá, v. 21, p. 127-138, 2010.

CUNHA, M. L. O.; MAZZO, J.;STIGGER, M. P. A organização das praças de desporto/educação física na cidade de Porto Alegre (1920 - 1940). **Licere**,Belo Horizonte, v. 13, p. 1-33, 2010.

LAZZARI, A.;THOMASSIM, L. E. ;STIGGER, M. P. A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, p. 51-64, 2010.

STIGGER, M. P.; FREITAS, M. V.; RYDZ, S.;MYSKIW, M.Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que "se faz" no campo da educação física brasileira. **Movimento**,Porto Alegre, p. 1982-8918, 2010. número especial.

MARIANTE, F. P.;MYSKIW, M.;MIRANDA, C. F.;STIGGER, M. P.Muhammad Ali: um outsider na sociedade americana?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 105-122, 2010.

STIGGER, M. P. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, p. 73-88, 2009.

BASTOS, Billy Graeff;STIGGER, M. P."O segredo do sucesso": apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Movimento**,Porto Alegre, v. 15, p. 163-186, 2009.

GOULART ;WENETZ, I.;STIGGER, M. P. Identidade gaúcha: jogo da tava e lazer no CTG Seiva Gaúcha. **Caderno de Educação Física**,Marechal Cândido Rondon, v. 8, p. 29-36, 2009.

SILVEIRA, R.;STIGGER, M. P. Espaço de jogo - espaço de envelhecimento: sociabilidade lúdica na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, p. 179-192, 2007.

WENETZ, I.;STIGGER, M. P.;MEYER, D. E.A construção do gênero no espaço escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 59-80, 2006.

STIGGER, M. P.; ALMEIDA, T. R.; MELATI, F.;DEROS, C. C. A Produção do Corpo: uma interpretação do caso Juliana Borges, a partir da sua repercussão na imprensa.**EF Deportes - Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n.87, 2005.

WENETZ, I.;STIGGER, M. P.;MEYER, D. E.As relações de gênero no espaço cultural do recreio. **Lecturas EF Y Deportes/Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n.10, p. 1, 2005.

RECKZIEGEL, A. C. C. ;STIGGER, M. P.Dança de Rua: opção pela dignidade e compromisso social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, p. 59-73, 2005.

STIGGER, M. P. La diversité culturelle du sport en tant que pratique de loisir : quelques éléments pour sa compréhension à partir de la recherche ethnographique. **Loisir et société**,Montreal, v. 28, n. 1, p. 89-113, 2005.

STIGGER, M. P.;SILVEIRA, R. A prática da "bocha" na SOERAL: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n.2, p. 39-55, 2004.

DERÓS, C. C.; MELATI, F.;STIGGER, M. P.; ALMEIDA, T. R. A produção do corpo: uma interpretação do caso Juliana Borges, a partir da sua repercussão na imprensa.**Lecturas Educación Física y Deportes**, n.87, 2004.

STIGGER, M. P. Políticas Sociais em Lazer e Desporto, entre o possível e o desejável. **Horizonte**,v. 16, n.97, p. 3-8, 2001.

STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola.. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n.7, p. 67-86, 2001.

STIGGER, M. P. Desporto, multiculturalidade e educação. **Educação Sociedade e Culturas**, Porto/Portugal, v. 12, 1999.

STIGGER, M. P. Homogeneidade ou heterogeneidade do desporto? Da adesão à heterogeneidade à investigação etnográfica. **Horizonte**, João Pessoa, v. 84, 1998.

STIGGER, M. P. Políticas sociais em lazer, esportes e participação: uma questão de acesso e de poder; ou subsídios para tomar uma posição frente à pergunta: 'são as políticas públicas para educação física, esportes e lazer, efetivamente políticas sociais?'. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 10, p. 83-96, 1998.

STIGGER, M. P. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, 1997.

STIGGER, M. P. Cultura Corporal no Espaço Público: uma Experiência de Extensão Universitária na Área do Lazer. **Utopia Ação**, Revista da Pró Reitoria de Extensão Ufrgs, Porto Alegre, v. 1, n.2, 1996.

STIGGER, M. P. Administração de parques públicos e democracia: um estudo de caso na área de políticas públicas para o lazer na perspectiva democrática. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 15, p. 66-66, 1993.

Livros publicados/organizados ou edições

STIGGER, M. P. **Educação Física + Humanas**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2015. v. 2000. 246p .

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. 2. ed. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2011. v. 6000. 125p .

STIGGER, M. P.; LOVISOLO, Hugo (Org.) **Esporte de rendimento e esporte na escola**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. v. 2000. 218p .

STIGGER, M. P.; FRAGA, A. B.; MAZZO, J.; GOELLNER, S. V. **Políticas de Lazer e Saúde em Espaços Urbanos**. 1. ed. Porto Alegre: Gênese, 2009. v. 1000. 125p .

STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F.; SILVEIRA, R. (Org.). **Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. v. 1. 194p .

STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F.; SILVEIRA, R. (Org.). **Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. v. 1. 196p .

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 126p .

STIGGER, M. P. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida: um estudo etnográfico**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2002. v. 2000. 259p .

Capítulos de livros publicados

STIGGER, M. P.;MYSKIW, M.O lazer entre a conteudização e a compreensão: olhares das subáreas da educação física. In: STIGGER, M. P.(Org.). **Educação Física + Humanas**. 1. ed.Campinas: Autores Associados, 2015. v. 1, p. 155-180.

STIGGER, M. P. Apresentação. In: STIGGER, M. P.(Org.). **Educação Física + Humanas**. 1. ed.Campinas: Autores Associados, 2015. v. 1, p. 7-11.

STIGGER, M. P.;SILVEIRA, R.;MYSKIW, M. O processo de avaliação da pós-graduação em educação física e ciências do esporte no Brasil e algumas das suas repercussões cotidianas. In: RECHIA, S. (Org.). **Dilemas e desafios da Pós Graduação em Educação Física**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. v. 1, p. 15-56.

STIGGER, M. P. Antropologia do Esporte. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. v. 1, p. 38-42.

STIGGER, M. P.. Sobre diversidade e esporte: é preciso ter um "temperozinho". In: BALBINO, Hermes Ferreira (Org.). **Inteligências Múltiplas: uma experiência em pedagogia do esporte e da atividade física no SESC São Paulo**. 1. ed.São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014. v. 1, p. 119-141.

GONZÁLEZ, F.;STIGGER, M. P. La desigualdad socioeconómica y la práctica física y deportiva: una mirada del Brasil contemporáneo. In: LLOPIS GOIG, Ramón(Org.). **Crisis, cambio social y deporte**.1. ed.: 2014. v. 1, p. 61-68.

WENETZ, I.;STIGGER, M. P.Género y sexualidad en la escuela: un estudio etnográfico del recreo. In: MILSTEIN, D. (Org.). **Encuentros etnográficos con niños y adolescentes**. 1. ed.Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011. v. 1, p. 51-76.

STIGGER, M. P.Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, M. P; LOVISOLO, H. (Org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**.1. ed.Campinas: Autores Associados, 2009. p. 103-134.

STIGGER, M. P.Sobre a reapropriação do esporte no contexto escolar: pensando em possibilidades a partir de uma mudança de foco. In: STIGGER, M.P.; LOVISOLO, H. (Org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 197-203.

FAHL, M. S. B.;STIGGER, M. P.Bullying na escola e nas aulas de educação física. In: GOELLNER, S. V. (Org.). **Ciências do movimento humano, cultura, educação, saúde e performance**. 1. ed. Erechim: EDIFAPES, 2008. v. 1, p. 53-80.

STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F.;SILVEIRA, R. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F.;SILVEIRA, R.(Org.). **Estudos Etnográficos Sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos**. 1. ed.Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, v. 1. p. 31-50.

STIGGER, M. P. Políticas Públicas em Esportes e Lazer: considerações sobre o profissional educador. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte**. Campinas: Papirus, 2003. v. 1, p. 101-120.

STIGGER, M. P. Desporto e Educação Física no Contexto da Globalização. In: GOMES, P. B.; GRAÇA, A. (Org.). **Educação e Desporto na Escola**: novos desafios, diferentes soluções. 1. ed. Porto/Portugal: Faculdade de Ciências do DEsporto e Educação Física, 2001.

STIGGER, M. P. Participação Popular na Gestão do Espaço Público de Lazer: um Caminho Percorrível na Construção da Utopia Democrática. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas Públicas Setoriais de Lazer**. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 117-133.